

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA
DISCIPLINA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO – TCC

**“EXPLORANDO O POTENCIAL CRIATIVO E A APRENDIZAGEM NO
DESENVOLVIMENTO DOS BEBÊS NA CRECHE: DO SILÊNCIO AO
PROTAGONISMO”**

Ana Carolina Moraes Silva
Orientador: Prof. Dr. Romilson Martins Siqueira

Goiânia, Maio de 2025.

Ana Carolina Moraes Silva

**“EXPLORANDO O POTENCIAL CRIATIVO E A APRENDIZAGEM NO
DESENVOLVIMENTO DOS BEBÊS NA CRECHE: DO SILÊNCIO AO
PROTAGONISMO”**

Trabalho produzido como requisito parcial para conclusão da Disciplina Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, sob a orientação do Professor Dr. Romilson Martins Siqueira.

Goiânia, 2024.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos que caminharam ao meu lado nesta jornada, acreditando no meu potencial e me oferecendo apoio nos momentos mais desafiadores. Aos meus pais, por nunca medirem esforços para me proporcionar uma educação de qualidade e por serem meu alicerce inabalável. À minha avó, eterna inspiração e exemplo de educadora apaixonada, que semeou em mim o amor pela docência e o respeito pelas infâncias. Ao meu namorado, Luiz Felipe, por sua paciência, carinho e incentivo incondicional em cada etapa desse processo. Às minhas líderes espirituais, Aline, Sara e Bruna, por me conduzirem com fé e sabedoria, fortalecendo minha espiritualidade e meu propósito como educadora. Ao Professor Dr. Romilson Martins Siqueira. Companheiro de caminhada ao longo do Curso de Pedagogia. Eu posso dizer que a minha formação, inclusive pessoal, não teria sido a mesma sem suas aulas e orientações. E, acima de tudo, a Deus, por me conceder vida, saúde, sabedoria e força para persistir diante dos obstáculos e alcançar este objetivo com dignidade e gratidão.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus, que me sustentou em todos os momentos dessa trajetória. A Ele, por ter me concedido saúde, coragem e determinação para não desistir diante das dificuldades. A Deus, pela minha vida e por ter guiado cada passo até aqui, seu fôlego de vida em mim me sustentou e me deu coragem para questionar realidades e propor sempre um novo mundo de possibilidades. Aos meus pais, pelo amor incondicional, pelo apoio nos momentos difíceis e por compreenderem minha ausência durante os períodos de dedicação intensa aos estudos.

Agradeço à minha família, por sua capacidade de acreditar em mim e investir em mim. Mãe, seu cuidado e dedicação foi que deram, em alguns momentos, a esperança para seguir. Pai, sua presença significou segurança e certeza de que não estou sozinho nessa caminhada. Aos amigos e familiares que estiveram ao meu lado, especialmente ao meu Padrinho Igor, madrinha Núbia, minha amiga Ludmilla Adjuto, Victória Emanuely, Letícia Aquino, Geovanna Lyssa e minha melhor amiga Isabela Guimarães por sua presença, palavras de incentivo e pela ajuda valiosa que contribuíram diretamente para a realização deste trabalho.

À minha amiga Nathalia Amin, minha inspiração de professora na Educação infantil com bebês, com quem aprendi várias abordagens práticas e me encorajou a seguir pela linha de pensamento sobre a autonomia dos bebês. À minha avó, cuja história como professora foi a luz que iluminou minha escolha pela Pedagogia, despertando em mim o desejo de transformar vidas por meio da educação. Ao meu namorado, Luiz Felipe, por estar presente em cada etapa desta caminhada com amor, escuta e apoio emocional. Às minhas líderes espirituais, Aline, Sara e Bruna, que me ensinaram a conciliar fé, dedicação e propósito de vida, ajudando-me a crescer como pessoa e como profissional.

À Escola Ethos, onde vivenciei, na prática, a beleza e os desafios da Educação Infantil, e onde tive a confirmação de que minha paixão pelos bebês e pela infância é o caminho que quero seguir. À Pontifícia Universidade Católica (PUC) e a todos os professores que participaram da minha formação, com destaque ao meu orientador, Prof. Dr. Romilson Martins Siqueira, pela dedicação, paciência, escuta atenta e por acreditar no potencial desta pesquisa. A todos os professores do curso, pelos ensinamentos, pelas correções e pelas contribuições fundamentais para o meu crescimento acadêmico e

profissional. Aos colegas de turma e de curso, com quem compartilhei tantos momentos de aprendizado, descobertas e superações. O companheirismo e as trocas de experiências foram essenciais para tornar essa caminhada mais leve e rica. A todos que, de forma direta ou indireta, contribuíram para a realização desta monografia, meu sincero agradecimento. E, finalmente, aos bebês, verdadeiros protagonistas desta pesquisa, que diariamente me ensinam sobre criatividade, autonomia, sensibilidade e a beleza do protagonismo infantil.

“Cada vez que alguém ensina prematuramente a uma criança algo que ele poderia ter descoberto, essa criança é impedida de inventá-la e, conseqüentemente, de compreendê-la completamente.” Jean Piaget

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar como a creche pode promover um ambiente propício para o desenvolvimento do potencial criativo e da aprendizagem dos bebês, garantindo a transição do silêncio ao protagonismo. A pesquisa, de natureza qualitativa e bibliográfica, fundamenta-se em teóricos da Sociologia da Infância, Psicologia do Desenvolvimento e Educação Infantil, como Siqueira (2013), Coutinho (2023) e Vigotsky (1996). O estudo discute a infância como construção social, o brincar como ferramenta de aprendizagem e a creche como espaço de autonomia e interação significativa. Os resultados destacam a importância de práticas pedagógicas que valorizem a voz do bebê, a organização do ambiente e a formação dos profissionais. Conclui-se que a creche, quando estruturada com base no respeito à agência infantil, torna-se um ambiente fértil para o desenvolvimento integral e a expressão criativa dos bebês.

Palavras-chave: Bebês; Criatividade; Protagonismo; Creche; Educação Infantil.

ABSTRACT

This monograph aims to analyze how daycare centers can create an environment conducive to the development of babies' creative potential and learning, ensuring the transition from silence to protagonism. The research, qualitative and bibliographic in nature, is based on theorists from the Sociology of Childhood, Developmental Psychology, and Early Childhood Education, such as Siqueira (2013), Coutinho (2023), and Vygotsky (1996). The study discusses childhood as a social construct, play as a learning tool, and daycare as a space for autonomy and meaningful interaction. The results highlight the importance of pedagogical practices that value the baby's voice, environmental organization, and professional training. It is concluded that daycare, when structured based on respect for children's agency, becomes a fertile environment for babies' integral development and creative expression.

Keywords: Babies; Creativity; Protagonism; Daycare; Early Childhood Education.

SUMÁRIO

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	08
2. A MAGIA DA PRIMEIRA INFÂNCIA: DESVENDANDO O POTENCIAL CRIATIVO DOS BEBÊS.....	09
2.1 Infância como construção social.....	09
2.2 O brincar como ferramenta de aprendizagem e desenvolvimento.....	20
2.3 A creche como ambiente propício para o desenvolvimento do potencial criativo....	28
3. DO SILÊNCIO AO PROTAGONISMO: O BEBÊ COMO SUJEITO DE DIREITOS NA CRECHE.....	38
3.1 Reconhecendo o bebê como sujeito de direitos.....	38
3.2 Interação significativa: bebês e adultos.....	42
3.3 A creche como lugar de autonomia.....	45
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
5. REFERÊNCIAS.....	51

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A primeira infância configura-se como um tempo da vida crucial no desenvolvimento humano, caracterizado por intensa exploração do mundo, comunicação e construção de significados. Contrariando visões tradicionais que concebem os bebês como seres passivos, observa-se, nesta fase, uma notável capacidade de interação e aprendizagem. Este estudo se propõe a investigar como as creches, enquanto espaços educativos, podem potencializar a criatividade e o protagonismo dos bebês, assegurando que suas vozes sejam ouvidas e suas ações valorizadas. Trata-se de um problema relevante, pois a promoção da autonomia e da expressão infantil desde os primeiros anos de vida contribui significativamente para a formação de sujeitos ativos e críticos.

O objetivo principal é analisar as práticas pedagógicas que favorecem a transição do silêncio ao protagonismo na creche, considerando a agência infantil e a importância do brincar. Objetivos específicos incluem: identificar os principais desafios para a promoção do protagonismo infantil em creches; descrever práticas pedagógicas que estimulam a criatividade e a participação ativa dos bebês; e analisar o papel do ambiente físico e social da creche neste processo.

A justificativa para esta pesquisa reside na importância de se compreender como as creches podem ser ambientes propícios para o desenvolvimento da autonomia e da criatividade infantil. Investigações sobre o tema são essenciais para subsidiar a prática educativa e garantir que as instituições de educação infantil contribuam efetivamente para a formação integral das crianças, respeitando suas individualidades e potencialidades.

Metodologicamente, a pesquisa adotará uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica. Serão analisadas obras de autores relevantes que versam sobre a agência infantil, a importância do brincar no desenvolvimento e o papel do ambiente na construção do conhecimento, buscando subsídios teóricos para a discussão do tema central. A análise dos dados, portanto, se dará através da interpretação e discussão dos referenciais teóricos selecionados, buscando estabelecer conexões e contribuições para a compreensão do protagonismo infantil na creche.

CAPÍTULO I

A MAGIA DA PRIMEIRA INFÂNCIA: DESVENDANDO O POTENCIAL CRIATIVO DOS BEBÊS

O presente capítulo tem o objeto de desmistificar a visão tradicional de passividade e reconhecer o bebê como sujeito ativo, explorando sua capacidade de ação e agência dentro de contextos sociais e culturais, além de analisar a brincadeira como um espaço fundamental para o desenvolvimento da autonomia, criatividade e construção social do bebê. Discute aspectos relacionadas às diferentes dimensões de como elas se conectam com o potencial criativo e investigar como a creche pode se tornar um ambiente que valoriza a voz do bebê, estimula a exploração e a experimentação, promovendo a interação social e o desenvolvimento do potencial criativo. O capítulo está organizado da seguinte forma:

1.1 Infância como Construção Social;

1.2. O Brincar como Ferramenta de Aprendizagem e Desenvolvimento; 1.3. A Creche como Ambiente Propício para o Desenvolvimento do Potencial Criativo

1.1. INFÂNCIA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

A compreensão da infância como um processo de construção social, e não como um estado natural do desenvolvimento humano, é fundamental para a investigação do potencial criativo e da aprendizagem dos bebês. A criança é influenciada pelas condições sociais, culturais e históricas em que vive e sua experiência de vida é construída e constituinte dessas condições. É importante lembrar que a criança também é um sujeito ativo que influencia a sociedade. Para a Sociologia da Infância não se deve reduzir a criança a um mero produto das condições sociais, mas sim, reconhecer sua capacidade de agência (capacidade da criança de agir de forma independente, de tomar decisões e de influenciar seu próprio desenvolvimento e o ambiente ao seu redor) e ação (atos concretos de se comunicar, de criar, de transformar, de construir relações e de participar ativamente do processo de aprendizagem que a criança realiza, impulsionada por sua agência).

A fim de compreender sobre a infância como uma construção social a partir da Sociologia da Infância, bem como compreender como a infância, a criança e os bebês estão/estiveram presentes/ausentes na sociedade, o debate aqui proposto partiu das

reflexões da produção "Por uma Sociologia da Infância Crítica no Campo dos Estudos da Infância e da Criança", de Siqueira (2013).

A Sociologia da Infância é um campo de estudo que se dedica a analisar a criança e a infância como sujeitos sociais, e não apenas como objetos de estudo de outras áreas, como a Psicologia e a Educação. É a partir dessa perspectiva que se reconhece a criança como ator social, com agência e ação, e não apenas como um ser em desenvolvimento que precisa ser cuidado e educado pelos adultos.

O autor defende essa visão crítica da Sociologia da Infância e argumenta que é preciso "situar a criança como sujeito e a infância como um tempo social da vida" (SIQUEIRA, 2013, p. 177). Nessa perspectiva, a Sociologia da Infância, como discutido no texto, nos convida a olhar para a criança como um sujeito social que, por meio de suas interações e brincadeiras, constrói e transforma a realidade. É nesse processo que as culturas infantis, ou cultura de pares, ganham relevância, pois representam um espaço de criação e de autonomia para a criança, onde ela se constitui como sujeito e constrói o mundo a sua maneira.

Destaca, ainda, que a Sociologia da Infância deve ser "marcada e apreendida no campo da relação indivíduo-sociedade em que as contradições de classe, a história e a própria cultura são elementos constitutivos do devir humano" (SIQUEIRA, 2013, p. 177). Nesse sentido, as culturas infantis e a cultura de pares se inserem nesse processo de construção social, pois representam um espaço onde a criança, por meio da brincadeira e da interação com seus pares, experimenta e elabora suas próprias formas de pensar, agir e se relacionar com o mundo.

É importante destacar que as culturas infantis não são um universo homogêneo e estático. Elas são dinâmicas e se transformam constantemente, refletindo as diversas experiências e vivências das crianças em seus diferentes contextos sociais. A brincadeira, como um elemento fundamental dessas culturas, permite que as crianças explorem suas ideias, testem seus limites, desenvolvam habilidades sociais e criem seus próprios significados para o mundo.

Ao analisar a cultura de pares, a Sociologia da Infância nos convida a entender que a criança não é um ser passivo que apenas recebe influências do mundo adulto. Ela é um sujeito ativo que, por meio de suas interações e brincadeiras, contribui para a construção da sociedade e para a transformação da cultura. As culturas infantis, portanto, são um espaço fundamental para a construção da autonomia, da criatividade e da cidadania da criança.

Segundo o autor,

historicamente a questão da infância e da criança tem sido objeto de estudo prioritário dos campos da Educação e Psicologia. Todavia, a relação entre estes dois campos tem sido marcada ora em movimentos de confluências, ora de embates epistêmicos. (Siqueira, 2013, p. 179)

Esse trecho nos leva a refletir ressaltando a importância de compreender os processos de desenvolvimento infantil, promovendo um diálogo essencial para uma abordagem mais abrangente sobre o tema. Ao explorar o potencial criativo e a aprendizagem na primeira infância na creche é crucial reconhecer a necessidade de integração e colaboração entre Educação e Psicologia. A interação entre esses campos pode enriquecer a compreensão do desenvolvimento infantil, permitindo a promoção do potencial criativo das crianças. Essa conexão entre a história do estudo da infância, a dinâmica entre Educação e Psicologia e a exploração do potencial criativo infantil destaca a importância de uma abordagem interdisciplinar e colaborativa na educação da primeira infância.

Da mesma forma, “a Sociologia da Infância é uma corrente de pensamento da Sociologia, mas as duas não se intercambiam.” (Siqueira, 2013, p. 80). Com base no exposto, destaca-se a importância de compreender a Sociologia da Infância como uma corrente de pensamento específica, sem perder de vista suas particularidades e reconhecer a diversidade de abordagens no estudo do desenvolvimento infantil. Essa abordagem se relaciona diretamente com o tema de explorar o potencial criativo e a aprendizagem na primeira infância na creche, ressaltando a necessidade de respeitar as diferentes disciplinas envolvidas nesse campo.

Os pressupostos que sustentam a presença crescente da Sociologia da Infância nos campos da Educação e Psicologia são evidenciados, incluindo a apropriação do discurso sociológico pela Educação, a defesa da criança como sujeito de direitos e ator social e a concepção da infância como construção social. A relevância teórica da Sociologia da Infância no contexto brasileiro e sua adoção por grupos de pesquisa nessas áreas destacam a interseção e influência mútua entre essas disciplinas. Essa conexão sublinha a importância de considerar as contribuições da Sociologia da Infância na promoção do desenvolvimento criativo e da aprendizagem na primeira infância na creche, enriquecendo a compreensão e prática educacional nesse período crucial de formação infantil.

Os estudos desse SIQUEIRA (2013), baseiam-se em SARMENTO (2008), CORSARO (1997), QVORTRUP (2001), dentre outros, e nos ajudam a compreender a relação das crianças com os adultos para o processo de construção da ‘cultura da infância’ e da ‘alteridade’. Sobre a "alteridade" da infância na abordagem socioantropológica, destaca-se a diferença fundamental entre o mundo adulto e o das crianças. Essa distinção não se resume apenas a questões de maturidade comunicativa, mas ressalta a singularidade da experiência infantil, que não pode ser plenamente compreendida pela memória dos adultos sobre as crianças que foram. A peculiar organização do simbólico na mente infantil e nas culturas da infância evidencia a complexidade e originalidade da perspectiva infantil, apontando para a importância de reconhecer e respeitar a alteridade da infância como base para estimular o potencial criativo e a aprendizagem na primeira infância na creche. Portanto, compreende-se a criança e a infância como construções sociais complexas e dinâmicas, moldadas por fatores históricos, culturais e socioeconômicos.

Para o autor, a infância não é um estado natural e universal, mas sim, uma categoria social que se transforma e é transformada em constante interação com a sociedade. A criança, nesse contexto, é um sujeito ativo que participa da construção da própria infância e da sociedade, influenciando e sendo influenciada por diversos fatores, como a classe social, o gênero, a etnia e a cultura.

É importante de se compreender a criança e a infância como sujeitos históricos e sociais, e não apenas como objetos de estudo. É preciso considerar as suas experiências, suas representações sociais, seus modos de vida, e a forma como eles se relacionam com o mundo ao seu redor.

Sobre as concepções de criança e infância, destaca-se:

a infância é, de fato, uma construção social que se dá num tempo da vida marcado por singularidades e universalidades no plano natural-social e lógico-histórico e a criança é, de fato, um sujeito cujas experiências de vida se dão na articulação entre suas especificidades naturais/biológicas de desenvolvimento e suas condições concretas de existência, social, cultural e historicamente determinada (SIQUEIRA, 2011, p. 186).

Essa definição enfatiza a interdependência entre a criança, a infância e a sociedade, reconhecendo que a criança é um sujeito ativo que participa da construção social e da própria infância, e que essa construção é influenciada por diversos fatores, tais como os socioculturais e históricos.

Portanto, a criança e a infância não podem ser compreendidas como categorias isoladas, mas sim, como elementos fundamentais da estrutura social e cultural, em constante transformação e interação. É essencial que os estudos sobre a infância e a criança considerem essa complexidade e reconheçam a agência e a ação da criança como elementos chave para a compreensão do desenvolvimento humano e da sociedade como um todo.

Ao reconhecer que a infância está enraizada em interações complexas com categorias sociais como classe, etnia, gênero e grupo de pares, os pesquisadores e educadores podem desenvolver estratégias mais inclusivas e sensíveis às diversas realidades infantis. Essa abordagem destaca que a infância não pode ser estudada de forma isolada, mas sim, em conjunto com as demais categorias sociais que a permeiam, evidenciando a importância de uma educação na primeira infância que leve em consideração essa interconexão. A compreensão da influência mútua entre a infância e outras categorias sociais pode enriquecer as práticas educacionais na creche, estimulando um ambiente que promova o potencial criativo e a aprendizagem das crianças de maneira mais holística e contextualizada.

A discussão sobre a infância e a criança tem sido marcada por uma profunda transformação histórica, passando de um modelo de assistência e controle para um modelo de direitos e reconhecimento da criança como sujeito ativo. Embora a visão da criança como sujeito de direitos tenha se tornado hegemônica nos últimos anos, é importante lembrar que a história da infância e da criança nem sempre foi pautada por essa perspectiva.

Por muito tempo a infância foi vista como um período de dependência e submissão ao adulto, onde a criança era considerada um ser passivo, incapaz de tomar decisões e de influenciar o mundo ao seu redor. As práticas sociais e educativas se baseavam em modelos de assistência, de controle e de doutrinação dos corpos e das ações das crianças, visando moldá-las de acordo com os padrões da sociedade adulta.

Siqueira (2013), traz uma análise crítica dessa visão tradicional da infância, destacando a importância de se reconhecer a criança como um sujeito ativo, capaz de construir sua própria realidade e de influenciar a sociedade.

O autor argumenta que a "privatização da infância" não apenas oculta a condição social da criança, mas também, contribui para a perpetuação de uma visão individualista e reducionista da infância, onde a criança é vista como um ser a ser estudado e

categorizado, e não como um ator social a ser ouvido e envolvido nos processos de conhecimento de suas realidades sociais.

Segundo o autor,

a privatização da infância não apenas opera um efeito de ocultamento e invisibilização da condição social da infância [...] como concita um tipo específico de olhar científico, durante muito tempo sociologicamente considerado de modo aproblemático: a das ciências do indivíduo, da pessoa, da esfera privada e da intimidade, especialmente a Psicologia e algumas das suas derivações, nomeadamente a Psicopedagogia, a Puericultura, a Pedopsiquiatria etc. (SARMENTO, 2008, p. 19).

O autor defende a necessidade de uma "reconstituição antropológica" da Sociologia da Infância, reconhecendo a criança como sujeito em condições socio estruturais específicas e priorizando o estudo de suas experiências e representações sociais como forma de compreender e conhecer mais a sua subjetividade.

A Sociologia da Infância crítica, portanto, tem um papel fundamental na desconstrução desses paradigmas tradicionais e na afirmação da criança como sujeito de direitos, reconhecendo sua agência e sua capacidade de ação e influência no mundo ao seu redor.

É essencial que os educadores compreendam essa história da infância e da criança e que se afastem de uma visão reducionista que ignora a complexidade da construção social da infância e da criança. É preciso reconhecer a criança como um sujeito ativo, capaz de construir seus próprios significados e de transformar o mundo ao seu redor. Somente assim poderemos construir uma educação infantil mais justa e igualitária, que respeite a diversidade e a singularidade de cada criança.

É preciso abandonar a visão tradicional de criança como um ser passivo e dependente, reconhecendo o bebê como um sujeito ativo, capaz de agir e influenciar o mundo ao seu redor. Ângela Maria Scalabrin Coutinho (2023), em seu estudo "A Ação Social dos Bebês: Um Estudo Etnográfico no Contexto da Creche", defende o bebê como um "ator social competente" e a infância como uma construção social que envolve dimensões sociopsicobiológicas e é conformada e conforma categorias sociais como o gênero, a etnia, a classe social e a cultura:

Toma como quadro teórico de referência a interface entre a sociologia da infância, área de concentração do doutorado e a pedagogia da infância, partindo da defesa do bebê como um ator social competente e da infância como uma construção social que envolve dimensões sociopsicobiológicas e que é conformada e conforma categorias sociais

como o gênero, a etnia, a classe social, a cultura. (Coutinho, 2023, p. ix, Resumo)

Essa perspectiva nos convida a repensar as práticas educativas, reconhecendo a importância das interações sociais e culturais na vida dos bebês. A visão do bebê como um ator social competente implica que ele não é apenas um receptor passivo de cuidados, mas sim, um agente que interage ativamente com o ambiente e as pessoas ao seu redor. Essa capacidade de ação e agência se manifesta nas brincadeiras, nas relações que estabelece e nas formas como explora o mundo.

Os educadores, portanto, devem estar atentos às capacidades dos bebês para agir e se expressar, criando um ambiente que favoreça a exploração e o protagonismo. As interações devem ser vistas como oportunidades para que os bebês exerçam sua agência, desenvolvendo habilidades sociais e emocionais à medida que se relacionam com seus pares e adultos. A construção de um ambiente acolhedor e estimulante é fundamental para que os bebês se sintam seguros e confiantes em suas ações. Isso implica que a prática pedagógica deve ser cuidadosamente planejada, levando em conta as necessidades e singularidades de cada bebê, permitindo que eles se sintam valorizados como protagonistas de seu próprio aprendizado.

A concepção contemporânea de infância tem avançado para romper com a visão tradicional que associa o bebê à passividade, à dependência e à incompletude. Ao invés de serem vistos como seres “ainda não prontos”, os bebês devem ser compreendidos como sujeitos plenos de significados, dotados de ação, linguagem e sensibilidade. Essa mudança de olhar é fundamental para transformar não apenas as práticas pedagógicas, mas também as estruturas simbólicas que sustentam o modo como adultos se relacionam com os pequenos.

Estudando o texto “Os bebês, as professoras e a literatura: um triângulo amoroso” do livro “Bebês como leitores e autores”, a autora María Emilia López afirma que: “Lemos o mundo” desde o nascimento e desde a vida intrauterina também, se tomamos como referência a voz da mãe, primeiro signo de contato com a cultura, com os atos das palavras. (López 2016, p. 14)

Esta citação explicita que, desde o início da vida, o bebê está imerso em experiências sensoriais, afetivas e simbólicas, que o conectam à linguagem e à cultura antes mesmo da fala articulada. O bebê não é um receptor passivo do mundo, mas sim, um intérprete sensível, que começa a construir significado desde o ventre materno.

Nesse processo inicial de construção de sentido o bebê enfrenta a tarefa complexa de estruturar seu psiquismo. Assim,

o bebê deve construir o seu psiquismo [...] aprender a interpretar as próprias sensações corporais, aprender a linguagem, começar a construir representações sobre as coisas, aprender a pensar e a se expressar. (López 2016, p. 16),

Trata-se de um caminho potente e singular, no qual o corpo, as emoções e os vínculos com os adultos constituem as bases para a formação da subjetividade. É nesse solo relacional e afetivo que brotam as primeiras expressões simbólicas do bebê.

Com o objetivo de compreender melhor sobre o bebê e suas infinitas possibilidades de participação ativa nos contextos sociais e nos processos de sua própria aprendizagem, o estudo texto “Bebês, interações e linguagem” da autora Daniela Guimarães presente também no livro “Bebês como leitores e autores” foi de grande importância para aprofundamento do assunto. A autora reforça essa ruptura com o senso comum ao afirmar que:

you deve notar que, pelo senso comum, muitas vezes eles são vistos pelo viés da fragilidade e da dependência, na perspectiva da incompetência [...] No entanto, como contraponto a essa perspectiva, [...] provocamos um desvio, considerando os bebês como sujeitos de ação e relação.” (Guimarães, 2016, p.49)

Aqui, há uma crítica direta ao adultocentrismo que, muitas vezes, invisibiliza a competência dos bebês. Essa perspectiva tradicional, ao limitar o valor da infância ao que ainda falta (andar, falar, controlar funções biológicas), impede o reconhecimento do bebê como alguém que já produz sentido, se comunica e transforma o ambiente. Nesse sentido, cabe ao educador e à sociedade em geral operar esse desvio de olhar, deslocando-se da lógica do “ainda não” para uma escuta sensível do que os bebês já são e realizam. O bebê é, ao mesmo tempo, sujeito do desejo e da cultura, capaz de afetar e ser afetado, de expressar emoções, construir relações e, inclusive, inventar mundos simbólicos. López nos leva a essa reflexão ao afirmar que: “o bebê, nos vazios gerados entre a necessidade e sua satisfação, vai construindo a fantasia, as primeiras linhas do texto próprio”. (López 2016, p. 18)

Essa metáfora potente revela o bebê como um autor de si, alguém que, mesmo nas lacunas, encontra espaço para criar, fantasiar e dar forma às próprias experiências. Ao compreender a infância sob essa ótica, o educador se depara com um novo desafio: criar condições para que o bebê possa exercer sua potência criativa, expressiva e relacional em

ambientes que o acolham como sujeito. Isso implica uma postura ética e estética, que valoriza o silêncio como linguagem, o gesto como fala e o olhar como narrativa. É preciso abandonar a ideia de infância como espera para a vida adulta e, em seu lugar, assumir que o bebê já está no mundo, produzindo cultura, significando experiências e sendo sujeito da própria história.

Essa nova perspectiva, que reconhece a agência do bebê, impulsiona uma mudança de paradigma na educação infantil, considerando a criança como um ator social a ser ouvido e envolvido nos processos de conhecimento de suas realidades sociais. Coutinho defende que:

Esse encontro da educação infantil com a sociologia da infância deve-se, em grande medida, à percepção de que as crianças não são meros objetos de análise, mas sim sujeitos ativos da pesquisa e, principalmente, atores sociais. Por isso, já não cabe pensar as crianças como indivíduos a serem estudados e categorizados, mas como atores a serem ouvidos e envolvidos nos processos de aproximação e conhecimento das suas realidades sociais. (Coutinho, 2023, p. 4)

A abertura para o diálogo interdisciplinar, com a história, a etnologia e a antropologia cultural, são cruciais para uma compreensão mais abrangente da infância e para a construção de práticas pedagógicas que reconheçam e valorizem a diversidade e a singularidade de cada bebê.

É fundamental que os educadores compreendam a infância como uma construção social complexa e dinâmica, reconhecendo os bebês como sujeitos ativos e capazes de influenciar o mundo ao seu redor. A creche, nesse contexto, tem um papel crucial na promoção de um desenvolvimento integral, considerando as necessidades e a individualidade de cada bebê. Segundo Andurens:

Para isso, torna-se necessário que esses educadores conheçam o desenvolvimento infantil, para que possam contemplar, no planejamento, práticas que promovam e potencializem o desenvolvimento em seus diferentes domínios e habilidades, incluindo os bebês que apresentam algum tipo de atraso, dificuldade ou deficiência." (Adurens, 2023, p. 10)

A afirmação de Lucas Adurens (2023) destaca a necessidade de um profundo conhecimento do desenvolvimento infantil para que os educadores possam planejar práticas eficazes e inclusivas na creche. Desmistificar a visão tradicional de passividade infantil exige que se reconheça a agência do bebê, sua capacidade de ação e influência no seu próprio desenvolvimento.

A maneira como o mundo influencia a construção da criança é um ponto crucial a ser considerado. As crianças, desde o nascimento, estão imersas em um contexto social e cultural que molda suas experiências, valores e percepções. A família, a comunidade, a escola e a cultura em geral contribuem para a formação da criança, influenciando seus pensamentos, atitudes e comportamentos.

A família, como primeiro núcleo social da criança, exerce um papel fundamental na formação de seus valores e crenças. É no seio familiar que a criança aprende a se comunicar, a interagir com os outros, a lidar com as emoções e a desenvolver seus primeiros laços afetivos. As interações familiares, as histórias contadas, as brincadeiras compartilhadas, as regras estabelecidas e os valores transmitidos pelos pais e outros membros da família moldam a personalidade da criança e a preparam para a vida em sociedade.

A comunidade, por sua vez, amplia o horizonte da criança, expondo-a a diferentes culturas, costumes e modos de vida. A interação com outras crianças, com pessoas de diferentes idades e origens, contribui para o desenvolvimento da sociabilidade, da empatia e da tolerância. A comunidade oferece à criança a oportunidade de vivenciar diferentes experiências, de aprender com a diversidade e de construir laços de amizade e solidariedade.

A escola, como instituição formal de ensino, assume um papel crucial na formação da criança, transmitindo conhecimentos, valores e habilidades essenciais para a vida em sociedade. A escola, através de seus professores, currículos e atividades, contribui para o desenvolvimento intelectual, social e emocional da criança. A escola também oferece à criança a oportunidade de interagir com outras crianças de sua idade, de aprender a trabalhar em grupo, de desenvolver a autonomia e a responsabilidade.

A cultura, em sentido amplo, engloba toda a produção humana criada e produzida para transformar a natureza em condições objetivas pela ação do homem. A cultura influencia a criança de forma profunda, moldando seus gostos, interesses, valores e comportamentos. A exposição da criança a diferentes manifestações culturais contribui para o desenvolvimento de sua sensibilidade, da sua capacidade de criação e da sua compreensão do mundo.

É importante destacar que a influência do mundo na construção da criança não é um processo passivo. A criança, desde o nascimento, é um sujeito ativo, capaz de interagir com o mundo ao seu redor, de construir seus próprios significados e de transformar o

mundo à sua volta. A criança é um agente de mudança, capaz de influenciar o mundo e de transformar a sociedade.

Essa visão da criança como sujeito ativo, capaz de construir seus próprios significados, é fundamental para a construção de uma educação infantil mais justa e igualitária. É preciso que os educadores compreendam a criança como um ser em constante desenvolvimento, que aprende e se transforma através da interação com o mundo e com as pessoas ao seu redor.

O conhecimento aprofundado do desenvolvimento infantil permite que os educadores adaptem as práticas pedagógicas, oferecendo os apoios necessários para que todos os bebês possam atingir seu máximo potencial. Isso significa criar um ambiente de aprendizagem rico e estimulante, que contemple as diferentes formas de aprender e se expressar.

A autora Luciana Ostetto, em seu livro "Encontros e Encantamentos na Educação Infantil", faz um convite para repensarmos a educação infantil como um campo de ação e criação movido por uma paixão profunda. Ela nos convida a enxergar a educação infantil como um turbilhão de energia que se manifesta em diversas formas: movimento, dança, brincadeira, sentimento, fantasia, sonhos, partilha e criação. Em sua obra destacam:

são vivências com gosto de paixão! Paixão que é movimento, dança, brincadeira, sentimento, fantasia. Paixão que é sonho revelado (promessa aos que virão), que é partilha (ser com o outro) na dança da educação (que pode ter boi-de-mamão!), no exercício da criação (de ousadia, por que não?). Paixão que mobiliza, que humaniza, que nos lança em busca da dimensão lúdica do "ser pessoa na pessoa", que nos convida a resgatar a pessoa na pessoa da educadora. (2000, p. 10)

A educação infantil, segundo a autora, é uma promessa aos que virão, uma partilha de ser com o outro, uma dança que pode até ter um boi-de-mamão como elemento, um exercício de criação que exige ousadia, uma força que mobiliza, humaniza e nos lança em busca da dimensão lúdica do ser pessoa. Essa compreensão nos convida a resgatar a pessoa na pessoa da educadora, a reconhecer a criança como um sujeito ativo, capaz de construir seus próprios significados e de transformar o mundo.

Ostetto (2000) nos convida a olhar para a educação infantil com um olhar mais humano e mais criativo. Ela nos lembra que a educação infantil não se resume a regras e normas, mas sim, a um processo de descoberta, de criação e de transformação, combustíveis que impulsionam a ação e a construção de um futuro melhor para as

crianças. A autora nos convida a romper com uma visão tradicional da educação infantil, onde a criança é vista como um ser passivo, dependente e incapaz de construir seus próprios significados. Ela nos convida a enxergar a criança como um sujeito ativo, capaz de ação e criação, com um potencial infinito para transformar o mundo. É essa paixão que nos move, que nos inspira e que nos impulsiona a construir um futuro mais justo e mais belo para as crianças.

É preciso que os educadores estejam conscientes dessa influência e que a levem em consideração ao planejar suas ações pedagógicas. A creche, como um ambiente privilegiado para o desenvolvimento infantil, tem o papel de oferecer à criança um espaço seguro e estimulante para explorar o mundo e construir seus próprios significados. A interação com outros bebês e com os adultos é fundamental para o desenvolvimento da criança, e a creche deve ser um espaço que promova a autonomia, a criatividade e a socialização.

Ostetto (2000) descreve que a educação infantil é uma força poderosa que pode transformar a vida das crianças. É importante que os educadores estejam conscientes dessa influência do mundo na construção da criança e que a levem em consideração ao planejar suas ações pedagógicas. A creche, como um ambiente privilegiado para o desenvolvimento infantil, tem o papel de oferecer à criança um espaço seguro e estimulante para explorar o mundo e construir seus próprios significados. A interação com outros bebês e com os adultos é fundamental para o desenvolvimento da criança, e a creche deve ser um espaço que promova a autonomia, a criatividade e a socialização.

Portanto é nesse contexto que a pesquisa sobre o potencial criativo e a aprendizagem dos bebês na creche se torna essencial para compreender o papel da creche na construção de uma infância mais justa e igualitária para todos.

1.2. O BRINCAR COMO DISPOSITIVO PARA A APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

A concepção de brincar na Educação Infantil ultrapassa há muito a ideia de passatempo ou de simples distração. O brincar, para além de uma mera atividade lúdica, é um dos pilares do desenvolvimento infantil, atuando como uma ferramenta poderosa de aprendizagem e construção da autonomia, criatividade e sociabilidade do bebê. Nesse contexto o brincar se configura como uma linguagem própria da infância, uma forma complexa de pensamento, expressão, como um espaço de experimentação e de construção de significado, por meio da qual o bebê constrói sentidos, elabora experiências e interage

com o mundo. Ao olhar para o brincar a partir da perspectiva da linguagem, é possível estabelecer um diálogo profundo com a noção de leitura — entendida não como decodificação de letras, mas como processo sensível e simbólico de atribuição de significados à realidade.

Especificamente no contexto da creche, de acordo com Coutinho (2023), as situações de brincadeira se configuram como possibilidades interativas de linguagem, manifestação e experimentação de variados enredos e reelaboração de situações do entorno social. É nesse espaço que a autonomia do bebê se manifesta: a escolha de brinquedos, a construção de narrativas e a interação com os pares demonstram sua capacidade de decisão e ação:

Em uma análise situada na conjuntura da creche e especificamente nesse grupo de bebês, situamos as suas ações nas situações de brincadeira como possibilidades interativas, de linguagem, de manifestação e experimentação de variados enredos e de reelaboração de situações que transcorrem no entorno social. (Coutinho, 2023, p. 170)

A escolha dos brinquedos, a criação de enredos e a interação com os pares demonstram a capacidade do bebê de tomar decisões, de exercer sua agência e de construir suas próprias experiências. A reelaboração de situações do entorno social, conforme destacado na citação, é um aspecto crucial do desenvolvimento cognitivo e social do bebê. Ao reproduzir e transformar em brincadeira situações do seu cotidiano, o bebê demonstra sua capacidade de processar informações, de construir significado e de desenvolver uma compreensão mais profunda do mundo ao seu redor. Essa capacidade de integrar experiências e de dar significado a elas é fundamental para a construção do conhecimento e para o desenvolvimento da autonomia. O brincar não é apenas uma forma de entretenimento, mas um espaço de aprendizado profundo e interativo. Ao promover brincadeiras ricas e significativas, educadores e cuidadores podem facilitar o desenvolvimento da autonomia e da criatividade dos bebês, enquanto ajudam a construir uma base sólida para sua interação social e compreensão do mundo ao seu redor.

A linguagem está intimamente ligada à comunicação social e à transmissão de cultura, sendo uma ferramenta essencial para a expressão da criatividade e a construção do conhecimento. É por meio da interlocução que o bebê nomeia o mundo, organiza suas experiências, constrói e expressa ideias e opiniões (Lucas Adurens, 2023, p. 41, citando

Brasil, 2016b). A creche, portanto, deve ser um ambiente rico em estímulos linguísticos e oportunidades para a interação social:

A linguagem está associada à aprendizagem, nos mais diferentes contextos e ambientes, e intimamente ligada à comunicação social e transmissão de cultura (MUSSEN, 1968 apud Lucas Adurens, 2023, p. 40)

Ao referenciar Mussen (1968), a autora estabelece a linguagem não como um processo isolado, mas como um fenômeno intrinsecamente ligado à aprendizagem e à cultura. A linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um meio pelo qual a cultura é transmitida e a aprendizagem ocorre. Ela molda a forma como o bebê percebe e interage com o mundo. Demonstrando que o desenvolvimento da linguagem não é um processo passivo, mas sim, uma construção ativa e socialmente mediada. Segundo a autora:

O bebê precisa dos aspectos socioculturais e psíquicos, para se apropriar da linguagem e se comunicar (BELLO; MACHADO, 2015). É por meio dessa interlocução que se dá a comunicação e se torna possível “[...] nomear o mundo, organizar suas experiências, construir e expressar ideias ou opiniões. (BRASIL, 2016b, p. 68). (Lucas Adurens, 2023, p. 41)

María Emilia López em seu texto “Os bebês, as professoras e a literatura: um triângulo amoroso” do livro “Bebês como leitores e autores” revela a dimensão da leitura não só como decodificação de letra mas como processo sensível e simbólico de atribuição de significados à realidade ao afirmar que: quanta linguagem e quanta literatura se escrevem nos ritmos lúdicos do balbucio correspondido! (López 2016, p. 20)

Ao brincar com sons, expressões faciais e gestos, o bebê inicia um processo de comunicação e escuta mútua com o adulto, que é profundamente literário, ainda que não verbal. O balbucio não é ruído, mas palavra em formação, intenção de sentido, tentativa de participação no mundo. É nesse território da escuta e da resposta que se desenha a primeira experiência estética e linguística do bebê.

Esse processo de troca vocal e emocional não é aleatório, mas revela o surgimento de uma intersubjetividade sutil e poderosa. Como destaca López: “esse acompanhamento do balbucio [...] indica um aprofundamento da intersubjetividade [...] para se compor em um diálogo de intencionalidades”. (López 2016, p. 21)

A brincadeira, nesse contexto, não é apenas ação corporal, mas também narrativa compartilhada, enredo em construção. O bebê brinca com os sons como quem brinca com as palavras — testando possibilidades, criando cadência, instaurando um ritmo que antecipa o texto, o conto, a história.

Por isso, é necessário ampliar o conceito de leitura no universo da creche. Ler é muito mais do que reconhecer palavras impressas: é vivenciar o mundo por meio de signos, sentimentos e metáforas. Como afirma López: a leitura é uma atividade muito mais ampla que ler livros: é se sentir desconcertado diante do mundo, procurar signos e construir sentidos. (López 2016, p. 22)

O brincar é, portanto, uma leitura do mundo feita com o corpo, com os objetos, com os afetos. Quando o bebê simula, representa ou imita uma ação, ele está reorganizando simbolicamente a realidade, interpretando-a e, ao mesmo tempo, reinventando-a. Essa capacidade de ler o mundo pela experiência sensível é profundamente formadora.

Segundo López, a canção de ninar é outro exemplo poderoso dessa leitura expandida, conforme afirma a autora: a canção de ninar molda as bases da sensibilidade e da percepção estéticas [...] oferece à criança sua primeira relação com a poesia. (López 2016, p. 22);

Nesse sentido, cantar para o bebê é tão significativo quanto contar-lhe histórias: ambos os gestos convidam à escuta, criam vínculos, constroem uma cadência emocional e poética que prepara o terreno para o florescimento da linguagem e da imaginação. A musicalidade do brincar, assim como a da canção, embala o bebê em uma rede de significações que fortalece seu pertencimento e sua voz.

Diante disso, é urgente que as práticas pedagógicas na creche reconheçam o brincar como território legítimo de leitura e produção cultural. Valorizar o balbúcio, a imitação, o jogo simbólico, as cantigas e o faz-de-conta é reconhecer que a infância tem modos próprios de escrever e de ler o mundo — modos que antecedem a palavra escrita, mas que são igualmente potentes e estruturantes. O brincar é, por excelência, o primeiro ato literário do bebê: é nele que se inicia a tessitura do texto próprio, do enredo da vida.

O brincar se transforma em um poderoso dispositivo para a aprendizagem e a expressão criativa. As crianças, ao se engajar em brincadeiras, não apenas exercitam a criatividade, mas também praticam habilidades de resolução de problemas, negociação e empatia. Através da brincadeira, elas têm a oportunidade de imaginar cenários, inventar

histórias e criar mundos, o que estimula sua capacidade de pensar criticamente e de se expressar de maneira única:

E o espírito de aventura? Mobilizou a todos, desde a experiência com as crianças até a elaboração dos registros, dos relatórios de estágio e, agora, dos artigos. Por isso o livro está recheado de fantasia, magia, fadas, bruxas, cobras, jacarés, bois, bernudas, casinhas, tesouros, "era uma vez...". Está cheio de espaços redesenhados, configurados em cenários preparados para os espetáculos que foram vividos com as crianças. Está cheio de paixão e ousadia no exercício de fazer-se educadora-autora da prática e do dizer essa prática, por meio de uma narração intensamente viva. (OSTETTO, 2000, p. 11)

Essa capacidade de transformar a realidade em representação lúdica é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social do bebê. Ao criar e manipular símbolos, o bebê desenvolve habilidades de abstração, imaginação e resolução de problemas. A interação social durante o brincar, por sua vez, contribui para o desenvolvimento da linguagem, da empatia e das habilidades de colaboração.

Para Coutinho (2023), o brincar é um espaço de complexas interações sociais, onde os bebês demonstram competências e elaboram ações influenciadas pela presença de outros, revelando sua agência e capacidade de ação:

As elaborações sócio-culturais das crianças bem pequenas [...] A ideia da competência dos bebês no que tange a estruturação de ações que são sociais porque são mobilizadas pela ação de outro, se revelou de modo complexo e nas minúcias de sua expressividade, seja nas situações de brincadeira, no revelar das preferências por determinados pares, assim como da sua condição social enquanto menina ou menino pertencente a uma determinada classe e estatuto social. (Coutinho, 2023, p.9.)

Essa citação ressalta a complexidade do brincar como um ambiente onde as crianças não apenas se divertem, mas também desenvolvem habilidades sociais essenciais. O ato de brincar permite que os bebês explorem suas preferências, interajam com colegas e experimentem diferentes papéis sociais, o que é crucial para a formação de sua identidade. Essa construção social se dá em um contexto em que as interações são mediadas por adultos e pares, permitindo que os bebês desenvolvam uma compreensão mais profunda de seu entorno e de si mesmos.

As crianças, ao se engajar em brincadeiras, não apenas exercitam a criatividade, mas também praticam habilidades de resolução de problemas, negociação e empatia. Através da brincadeira, elas têm a oportunidade de imaginar cenários, inventar histórias e criar mundos, o que estimula sua capacidade de pensar criticamente e de se expressar de maneira única.

Além disso, é importante reconhecer que as condições sociais e culturais em que os bebês estão inseridos influenciam diretamente suas experiências de brincar. A citação de Coutinho nos lembra que as ações das crianças são influenciadas por fatores como gênero e classe social, o que implica que a brincadeira também pode ser um reflexo das dinâmicas sociais que cercam os bebês. Portanto, criar um ambiente de brincadeira inclusivo e diversificado é essencial para garantir que todas as crianças possam expressar sua criatividade e desenvolver suas competências de maneira equitativa. Coutinho (2013), nos convida pensar em algumas dimensões do trabalho com os bebês e principalmente a brincadeira como ação Social. A brincadeira aqui é tomada como atividade social, dotada de significado a partir e na relação com uma dada cultura, como afirma Brougère (1998, p. 21). Se é verdade que há a expressão de um sujeito no jogo, essa expressão insere-se num sistema de significações, em outras palavras, numa cultura que lhe dá sentido. Para que uma atividade seja um jogo é necessário então que seja tomada e interpretada como tal pelos atores sociais em função da imagem que têm dessa atividade.

Compreender a brincadeira como uma "ação social" implica reconhecer a importância das interações e das relações sociais no processo de desenvolvimento. As regras, as normas e os significados compartilhados durante a brincadeira são construídos e negociados pelos participantes, o que exige habilidades de comunicação, negociação e colaboração. O brincar, portanto, não é apenas uma atividade individual, mas sim, um espaço de construção social, onde as crianças aprendem a interagir, a cooperar e a construir relações significativas.

No brincar, os bebês não apenas imitam, mas reelaboram situações cotidianas, desenvolvendo um conhecimento cultural que inclui suas concepções e uso de informações observadas, escutadas e experimentadas na interação com objetos reais, pessoas e acontecimentos sociais do mundo adulto (Coutinho, 2023, citando Ferreira, 2004a). Esse processo demonstra a capacidade criativa do bebê em transformar a realidade em sua representação lúdica:

No brincar ao faz-de-conta, as crianças desenvolvem um conhecimento cultural que inclui as suas concepções e uso de informações observadas, escutadas e experimentadas na sua interação com os objectos reais, pessoas, e acontecimentos sociais do mundo adulto.” (Coutinho, 2023, p. 161)

O bebê, ao brincar, seleciona e integra informações do seu cotidiano – observações, experiências e interações com objetos, pessoas e eventos – para construir

seu próprio significado e compreensão do mundo. Essa capacidade de processar informações, criando conexões e representações, é uma demonstração clara de sua capacidade criativa. No "faz-de-conta", por exemplo, o bebê não apenas reproduz ações observadas, mas as transforma, criando narrativas e atribuindo novos significados aos objetos e às pessoas envolvidas na brincadeira.

Essa capacidade de transformar a realidade em representação lúdica é fundamental para o desenvolvimento cognitivo e social do bebê. Ao criar e manipular símbolos, o bebê desenvolve habilidades de abstração, imaginação e resolução de problemas. A interação social durante o brincar, por sua vez, contribui para o desenvolvimento da linguagem, da empatia e das habilidades de colaboração.

A observação atenta do brincar pelos educadores, conforme aponta Lucas Adurens (2023), permite identificar aspectos do desenvolvimento esperado para a faixa etária, bem como atrasos e dificuldades, permitindo intervenções pedagógicas que promovam a autonomia e a criatividade:

As professoras e os ADE identificam, na rotina escolar, tanto aspectos do desenvolvimento esperado para a faixa etária do bebê quanto atrasos e dificuldades, mesmo que não os tenham nomeado. (Lucas Adurens, 2023, p. 10)

A capacidade de observar e interpretar as ações dos bebês durante o brincar é crucial para que os educadores possam planejar atividades que promovam o desenvolvimento integral, considerando os diferentes domínios (motor, socioafetivo, linguístico, cognitivo e sensorial) e as necessidades individuais de cada criança (Lucas Adurens, 2023, p. 10). Essa observação permite identificar e estimular a criatividade individual, adaptando as atividades para promover a construção social e a autonomia:

Contatou-se que as participantes promovem ações direcionadas a vários domínios do desenvolvimento, como motor, socioafetivo, linguístico, cognitivo e sensorial, relativos aos bebês no qual identificam algum atraso, bem como planejam e organizam suas atividades, a fim de promover o desenvolvimento integral dos bebês."(Lucas Adurens, 2023, p. 10)

Ostetto (2000), ressalta a importância do brincar, defendendo que o papel do educador é fundamental para criar um ambiente que estimule e valorize essa atividade, garantindo o direito da criança de se divertir e de explorar seu potencial criativo:

Em relação ao jogo, o mérito de nossa experiência foi ter propiciado as crianças situações que favorecessem a atividade do jogo infantil, especialmente "os jogos lúdicos funcionais" (movimentos corporais) e o despontar dos jogos lúdicos de ficção (brincadeiras simbólicas), bem como ter apontado um caminho possível de se trabalhar tal eixo para garantir a criança o direito de brincar. (OSTETTO, 2000, p. 40)

O trecho evidencia dois tipos de jogos: os "jogos lúdicos funcionais", que envolvem movimentos corporais, e os "jogos lúdicos de ficção", que se baseiam em brincadeiras simbólicas. Ambas as categorias, segundo as autoras, são essenciais para o desenvolvimento infantil, pois estimulam a criatividade, a imaginação, a coordenação motora, a linguagem e a socialização.

Os "jogos lúdicos funcionais", como o próprio nome sugere, envolvem o corpo da criança em movimento, estimulando a coordenação motora, o equilíbrio, a força e a flexibilidade. Através de brincadeiras como correr, pular, dançar, brincar de esconde-esconde, construir torres e montar casinhas, a criança desenvolve sua capacidade de movimentação e interação com o espaço. Essa experiência é fundamental para o desenvolvimento da autonomia da criança, pois lhe permite explorar o mundo ao seu redor de forma independente e segura.

Os "jogos lúdicos de ficção", por sua vez, estimulam a imaginação, a criatividade e a linguagem. Através de brincadeiras como faz de conta, interpretar personagens, contar histórias, criar cenários e representar situações imaginárias, a criança desenvolve sua capacidade de pensar simbolicamente, de criar suas próprias histórias e de se expressar através da linguagem. Essa experiência é fundamental para o desenvolvimento da autonomia e da criatividade da criança, pois lhe permite construir seus próprios significados e expressar sua individualidade.

Luciana Ostetto nos convida a repensar o papel do educador como um mediador e facilitador do brincar, criando um ambiente onde a criança possa se expressar livremente, explorar suas ideias e construir seus próprios significados. O brincar, nesse contexto, se torna um direito fundamental da criança, uma ferramenta essencial para o seu desenvolvimento integral.

A creche, como espaço privilegiado para a promoção do desenvolvimento dos bebês, tem um papel crucial nesse processo. É na creche que os bebês, através de suas brincadeiras e interações, constroem sua identidade, desenvolvem habilidades sociais e cognitivas, e expressam sua criatividade. É na creche que os bebês têm a oportunidade de explorar o mundo ao seu redor, de construir relações com outros indivíduos e de

desenvolver sua própria autonomia. O brincar na creche, analisado em suas diferentes dimensões, é uma ferramenta pedagógica essencial para o desenvolvimento da autonomia, criatividade e construção social do bebê, revelando seu potencial criativo e sua capacidade de agir como sujeito ativo na construção de sua própria realidade. Além disso em sua obra destaca em um relato:

E o espírito de aventura? Mobilizou a todos, desde a experiência com as crianças até a elaboração dos registros, dos relatórios de estágio e, agora, dos artigos. Por isso o livro está recheado de fantasia, magia, fadas, bruxas, cobras, jacarés, bois, bernuncas, casinhas, tesouros, "era uma vez...". Está cheio de espaços redesenhados, configurados em cenários preparados para os espetáculos que foram vividos com as crianças. Está cheio de paixão e ousadia no exercício de fazer-se educadora-autora da prática e do dizer essa prática, por meio de uma narração intensamente viva. (OSTETTO, 2000, p. 11)

A brincadeira, nesse contexto, se transforma em um palco para a imaginação, a criação e a expressão da criança. Por meio dela, os bebês podem se aventurar em mundos mágicos, criar personagens e histórias, experimentar diferentes papéis e vivenciar emoções intensamente. A brincadeira é um espaço onde a criança pode ser quem quiser, onde pode explorar suas ideias e construir seus próprios significados. A brincadeira permite que a criança se expresse livremente, que explore suas emoções e que desenvolva sua criatividade. É através da brincadeira que a criança se torna um sujeito ativo, capaz de transformar o mundo ao seu redor.

Destaque também para a autonomia e a ousadia na prática educativa. As educadoras que se dedicam a trabalhar com crianças, como as autoras do livro, precisam ter a coragem de se aventurar nesse mundo mágico, de se conectar com a criança em sua linguagem e de permitir que ela explore seu potencial criativo. Elas precisam ter a ousadia de desafiar os métodos tradicionais e de criar um ambiente onde a criança possa se expressar livremente, sem medo de errar ou de ser diferente.

1.3 A CRECHE COMO AMBIENTE PROPÍCIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO POTENCIAL CRIATIVO

A creche, muitas vezes reduzida socialmente à função de assistência ou cuidado, foi ressignificada como espaço privilegiado de produção cultural e expressão simbólica. A creche, enquanto etapa fundamental da Educação Básica (0 a 3 anos), deixa de ser

apenas um espaço de assistência e se consolida como um ambiente de aprendizado e desenvolvimento, com o potencial de nutrir a criatividade e o desenvolvimento integral do bebê.

Longe de ser um espaço de espera pela “verdadeira infância” ou pela entrada no ensino formal, a creche é, em si, território de aprendizagem sensível, estética e relacional. Nela, cada gesto, som ou silêncio do bebê carrega potência comunicativa e criadora, desde que haja um olhar pedagógico capaz de reconhecer e responder a essas expressões. É crucial que os educadores compreendam a creche como um espaço de educação, e não apenas de cuidado, e que reconheçam a criança como um sujeito ativo, capaz de construir seus próprios significados e de influenciar o mundo ao seu redor.

Para que a creche se torne um ambiente propício para o desenvolvimento do potencial criativo dos bebês, é fundamental que o espaço seja organizado de forma a estimular a exploração, a experimentação e a interação social. A creche precisa ser um ambiente que valorize a voz do bebê, estimulando sua curiosidade e sua capacidade de ação. Para que isso ocorra, é crucial que os educadores compreendam a infância como uma construção social dinâmica e valorizem a voz do bebê, estimulando a exploração, a experimentação e a interação social.

No entanto, a discussão sobre a creche como espaço de educação não pode ser completa sem abordar o perfil do profissional que atua nesse ambiente. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB, Lei nº 9.394/96) e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) estabelecem diretrizes importantes para a formação e atuação do profissional que trabalha com crianças de 0 a 5 anos.

A LDB, em seu artigo 62, define a formação de docentes para atuar na educação básica:

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, da modalidade Normal. (BRASIL, 1996, p. 62)

A legislação, portanto, reconhece a necessidade de formação em nível superior para os profissionais que atuam na educação infantil, e estabelece a modalidade Normal como formação mínima para o magistério nas quatro primeiras séries do ensino fundamental e na educação infantil.

As DCNEI, por sua vez, abordam com mais detalhes o perfil do profissional da educação infantil, destacando a importância de um profissional que compreenda a infância como uma construção social e que reconheça a criança como um sujeito ativo e capaz de influenciar o mundo ao seu redor:

a formação do profissional da educação infantil deve ser pautada em uma concepção de criança e de infância que as reconheça como sujeitos históricos e sociais, e não como objetos de estudo; que valorize a interação, a participação e a autonomia das crianças; que compreenda a infância como processo de desenvolvimento e aprendizagem; que priorize o trabalho com a criança em sua integralidade, considerando os diferentes domínios do desenvolvimento; que promova a interação entre a criança e o adulto, e entre as crianças, em um contexto de respeito mútuo e de diálogo; que estimule a criatividade e a autonomia da criança; que compreenda a linguagem como ferramenta fundamental para a aprendizagem e a construção do conhecimento; que reconheça a importância da cultura infantil e da cultura de pares, e que promova a participação da criança na construção de seus próprios saberes e conhecimentos. (BRASIL, 2009, p. 10)

As DCNEI enfatizam a necessidade de um profissional que seja capaz de compreender a infância como um processo dinâmico e complexo e que reconheça a criança como um sujeito ativo e capaz de construir seus próprios significados e de influenciar o mundo ao seu redor.

O profissional da creche precisa ser um educador que saiba observar, interpretar, mediar e facilitar o processo de aprendizagem da criança, criando um ambiente que estimule sua curiosidade, sua autonomia e sua criatividade. É fundamental que o profissional da creche tenha uma formação contínua e que esteja sempre em busca de atualização, para que possa oferecer aos bebês uma educação de qualidade e que contribua para o desenvolvimento pleno de seu potencial.

A creche como um espaço de educação exige um profissional que valorize a interação social, a linguagem e o brincar. A creche precisa ser um ambiente que promova a exploração, a experimentação e a expressão criativa. É crucial evitar uma visão generalizante da infância como estrutura social, reconhecendo a multiplicidade das infâncias e a necessidade de valorizar as ações sociais constitutivas de cada bebê.

É fundamental que os professores e profissionais conheçam profundamente o desenvolvimento dos bebês para planejar práticas que favoreçam essa etapa inicial da vida, quando o bebê está em plena formação (Lucas Adurens, 2023, p. 19). Esse conhecimento abrange não apenas os aspectos biológicos, mas também, os socioculturais

e psíquicos, essenciais para a apropriação da linguagem e a comunicação (Lucas Adurens, 2023, p. 41, citando Bello e Machado, 2015). Segundo a autora: “é fundamental que os professores e os profissionais conheçam o desenvolvimento dos bebês, para planejar suas práticas com mais qualidade e oportunizar momentos que favoreçam essa etapa inicial da vida, quando o bebê está em plena formação”. (Lucas Adurens, 2023, p. 19)

Esse trecho ressalta a responsabilidade dos profissionais da educação em buscar um conhecimento profundo sobre o desenvolvimento infantil. Este conhecimento não é um mero requisito, mas sim, a base para a construção de práticas pedagógicas de qualidade, que promovam o desenvolvimento integral e o florescimento do potencial de cada bebê em sua fase de plena formação. A formação contínua e a busca por atualização são, portanto, imprescindíveis para garantir a excelência na educação de bebês.

Não se trata apenas de conhecer as etapas do desenvolvimento motor ou linguístico, mas de compreender a complexidade dessa fase inicial da vida, que é marcada por uma intensa formação em todos os domínios – físico, cognitivo, emocional e social. Este conhecimento aprofundado permite aos educadores planejar práticas pedagógicas mais adequadas e significativas. Compreender as características de cada estágio do desenvolvimento, desde a percepção sensorial até o desenvolvimento da linguagem e da socialização, possibilita a criação de ambientes e atividades que estimulem o aprendizado e o crescimento integral do bebê. A ausência desse conhecimento pode resultar em práticas descontextualizadas, que não consideram as necessidades e capacidades específicas de cada criança, comprometendo seu desenvolvimento.

É preciso "oportunizar momentos que favoreçam essa etapa inicial da vida". Isso implica em criar um ambiente rico em estímulos, onde o bebê possa explorar, experimentar e interagir livremente, construindo seu próprio conhecimento e desenvolvendo sua autonomia. A observação cuidadosa e a interação sensível dos educadores são fundamentais para identificar as necessidades individuais de cada bebê e criar oportunidades de aprendizagem personalizadas.

A linguagem, intimamente ligada à comunicação social e à transmissão de cultura, é uma ferramenta essencial para a expressão da criatividade e a construção do conhecimento. É por meio da interlocução que o bebê nomeia o mundo, organiza suas experiências, constrói e expressa ideias e opiniões (Lucas Adurens, 2023, p. 41, citando Brasil, 2016b). A creche, portanto, deve ser um ambiente rico em estímulos linguísticos e oportunidades para a interação social: “a linguagem está associada à aprendizagem, nos

mais diferentes contextos e ambientes, e intimamente ligada à comunicação social e transmissão de cultura (MUSSEN, 1968)." (Lucas Adurens, 2023, p. 40)

Ao referenciar Mussen (1968), a autora estabelece a linguagem não como um processo isolado, mas como um fenômeno intrinsecamente ligado à aprendizagem e à cultura. A linguagem não é apenas uma ferramenta de comunicação, mas um meio pelo qual a cultura é transmitida e a aprendizagem ocorre. Ela orienta a forma como o bebê percebe e interage com o mundo. Demonstrando que o desenvolvimento da linguagem não é um processo passivo, mas sim, uma construção ativa e socialmente mediada. Segundo a autora:

O bebê precisa dos aspectos socioculturais e psíquicos, para se apropriar da linguagem e se comunicar (BELLO; MACHADO, 2015). É por meio dessa interlocução que se dá a comunicação e se torna possível "[...] nomear o mundo, organizar suas experiências, construir e expressar ideias ou opiniões." (BRASIL, 2016b, p. 68). (Lucas Adurens, 2023, p. 41)

López (2016) destaca que é: "na literatura oral e rítmica, imbricada na melodia da voz, nesse gesto que a criança pequena começa a construir sentidos". (López 2016, p. 32) Esse trecho revela que o ambiente da creche precisa ser atravessado por práticas que envolvam o ritmo, a melodia, a musicalidade das palavras, criando atmosferas que favoreçam a emergência do pensamento simbólico e da linguagem. A literatura, nesse contexto, não se limita ao livro impresso ou à leitura convencional, mas se apresenta como experiência sensível e afetiva que envolve corpo, emoção e vínculo.

A potência criativa dos bebês se manifesta especialmente quando o ambiente lhes oferece estímulos significativos, sensíveis e respeitosos. Como ilustram Gobatto e Guimarães: "a professora entrega os fantoches dos personagens para as crianças [...] os bebês brincam, cantam e participam com diferentes formas de envolvimento". (Gobatto e Guimarães 2014, p. 36)

Esse pequeno gesto educativo, aparentemente simples, representa uma poderosa prática de escuta e mediação. Ao oferecer elementos simbólicos como fantoches, a educadora convida o bebê a habitar narrativas, a dar voz e corpo a personagens, a transitar entre o real e o imaginário, revelando-se como sujeito de linguagem e criação.

Essas práticas cotidianas, quando intencionalmente planejadas e acolhidas pela escuta do educador, transformam o cotidiano da creche em um verdadeiro campo fértil para o desenvolvimento do psiquismo e da subjetividade dos bebês. A própria López afirma que: "a presença da literatura, das histórias e da música como práticas cotidianas

contribui para o desenvolvimento do psiquismo, da imaginação e da segurança emocional dos bebês”. (López 2016, p. 34)

Assim, o espaço da creche precisa ser compreendido como uma extensão do mundo cultural e simbólico da criança, onde as palavras, os sons e os gestos são matéria-prima para a criação de sentidos. A creche não deve apenas “acolher” os bebês, mas sim, potencializá-los. Isso implica transformar o espaço físico em um cenário de descobertas, o tempo em ritmo de escuta e o cotidiano em narrativa. A educadora, por sua vez, deve assumir o papel de mediadora estética e sensível, capaz de reconhecer nas expressões dos bebês a semente de uma subjetividade em expansão. Quando a creche se abre para a arte, a literatura e a poética do cotidiano, ela se torna um lugar de encantamento, onde o bebê é reconhecido como autor, leitor e narrador da própria história — mesmo antes das palavras.

A creche, como ambiente privilegiado para a promoção do desenvolvimento dos bebês por meio das interações e do brincar, deve proporcionar experiências que estimulem a exploração, a experimentação e a expressão criativa. É crucial evitar uma visão generalizante da infância como estrutura social, reconhecendo a multiplicidade das infâncias e a necessidade de valorizar as ações sociais constitutivas de cada bebê (Coutinho, 2023, p. 6). De acordo com Adurens:

A creche é um ambiente privilegiado para a promoção do desenvolvimento dos bebês em sua mais tenra idade, por meio das interações e do brincar, e os professores e profissionais que os acompanham têm papel fundamental nesse processo. (Lucas Adurens, 2023, p. 10).

A citação de Adurens (2023) reforça a importância da creche como um ambiente intencionalmente planejado para o desenvolvimento dos bebês, onde as interações e o brincar são ferramentas essenciais, e os profissionais atuam como mediadores e facilitadores desse processo. A qualidade da creche e a formação dos seus profissionais são, portanto, fatores cruciais para garantir que esse ambiente privilegiado contribua efetivamente para o desenvolvimento pleno de cada bebê.

A creche, como um dos primeiros ambientes de socialização e aprendizado para o bebê, tem um papel fundamental no desenvolvimento de seu potencial criativo. No entanto, a organização do espaço físico pode influenciar, de forma significativa, a experiência da criança, impactando diretamente sua autonomia e capacidade de exploração.

Ostetto (2000) descreve um ambiente pouco convidativo para a exploração e a interação:

A sala do grupo era estruturada por um espaço amplo, com um vazio central, sendo que toda a mobília (três mesas, um armário e um balcão) encontrava-se recostada nas paredes. A decoração, os brinquedos, os utensílios e os materiais didáticos ficavam todos fora do alcance das crianças. (p. 43).

Essa descrição nos mostra uma sala onde a mobília é organizada de forma a priorizar a funcionalidade para os adultos, deixando as crianças em um espaço limitado e com poucas oportunidades de interação e exploração. A decoração, os brinquedos e os materiais didáticos, inacessíveis às crianças, demonstram uma falta de investimento na autonomia e na criatividade do bebê.

Para que a creche se torne um ambiente propício para o desenvolvimento do potencial criativo dos bebês, é fundamental que o espaço seja organizado de forma a estimular a exploração, a experimentação e a interação social. A creche precisa ser um ambiente que valorize a voz do bebê, estimulando sua curiosidade e sua capacidade de ação.

A organização do espaço pode ser repensada para oferecer aos bebês:

- Espaços delimitados e convidativos: A criação de "cantos" temáticos, com diferentes materiais e atividades, permite que o bebê explore seus interesses e desenvolva sua autonomia. Um canto de leitura, com livros e almofadas, um canto de brincar, com blocos de montar e jogos, e um canto de arte, com materiais para pintura e desenho, podem estimular a criatividade e a imaginação.

- Mobília acessível: A disposição da mobília deve ser pensada para facilitar a movimentação e a interação dos bebês. Mesas e cadeiras em diferentes tamanhos, brinquedos e materiais ao alcance das mãos, e espaços livres para brincar e explorar são fundamentais para estimular a autonomia e a criatividade.

- ambientação rica e estimulante: A ambientação da sala deve ser atrativa e convidativa para os bebês, estimulando sua curiosidade e seu interesse pelo mundo. A utilização de cores vibrantes, formas geométricas, materiais diversos e elementos da natureza pode criar um ambiente mais rico e estimulante para a exploração e a interação.

- Materiais diversos e de fácil acesso: A creche deve oferecer uma variedade de materiais para o bebê explorar, como blocos de montar, jogos, livros, materiais

para pintura e desenho, objetos de diferentes texturas e instrumentos musicais. É importante que esses materiais sejam seguros e estejam ao alcance dos bebês, permitindo que eles explorem e experimentem livremente.

- Tempo e espaço para brincar: A creche precisa oferecer tempo e espaço dedicados ao brincar, permitindo que os bebês explorem suas ideias e desenvolvam sua criatividade. O brincar livre, sem a interferência de adultos, é fundamental para o desenvolvimento da autonomia e da criatividade.

A organização do espaço físico na creche é um fator crucial para o desenvolvimento do potencial criativo dos bebês. Ao criar um ambiente que valorize a voz do bebê, estimule a exploração e a experimentação, promovendo a interação social, a creche se torna um espaço propício para o desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da construção social do bebê.

É importante lembrar que a organização do espaço não é um processo estático, mas sim, um processo dinâmico que deve ser constantemente adaptado às necessidades e aos interesses dos bebês. A observação atenta do brincar pelos educadores, conforme aponta Lucas Adurens (2023), permite identificar aspectos do desenvolvimento esperado para a faixa etária, bem como atrasos e dificuldades, permitindo intervenções pedagógicas que promovam a autonomia e a criatividade: “as professoras e os ADE identificam, na rotina escolar, tanto aspectos do desenvolvimento esperado para a faixa etária do bebê quanto atrasos e dificuldades, mesmo que não os tenham nomeado”. (Lucas Adurens, 2023, p. 10)

A capacidade de observar e interpretar as ações dos bebês durante o brincar é crucial para que os educadores possam planejar atividades que promovam o desenvolvimento integral, considerando os diferentes domínios (motor, socioafetivo, linguístico, cognitivo e sensorial) e as necessidades individuais de cada criança (Lucas Adurens, 2023, p. 10). Essa observação permite identificar e estimular a criatividade individual, adaptando as atividades para promover a construção social e a autonomia:

Contatou-se que as participantes promovem ações direcionadas a vários domínios do desenvolvimento, como motor, socioafetivo, linguístico, cognitivo e sensorial, relativos aos bebês no qual identificam algum atraso, bem como planejam e organizam suas atividades, a fim de promover o desenvolvimento integral dos bebês. (Lucas Adurens, 2023, p. 10)

O brincar, portanto, é muito mais do que uma simples atividade lúdica. Ele é um espaço de aprendizagem, de construção de significado e de desenvolvimento da autonomia, da criatividade e da sociabilidade do bebê. A creche, como um ambiente que valoriza o brincar, tem um papel fundamental na promoção do desenvolvimento integral dos bebês, contribuindo para a construção de um futuro mais justo e mais belo para todos.

O livro "Encontros e Encantamentos na Educação Infantil", de Luciana Esmeralda Ostetto, nos convida a repensar o papel da creche como um espaço que nutre a criatividade e o desenvolvimento da criança:

São mesmo histórias de encontros e encantamentos na educação infantil. Ao falarmos de encantamentos, falamos tanto do maravilhar-se com as crianças e das possibilidades de trabalho no cotidiano educativo, quanto do descobrir as delícias de se fantasiar, de ler um conto de fadas, de fazer arte por parte dos adultos. Encantamentos de educadoras que se põem o desafio de resgatar sua marca, seu desenho, sua palavra, seus desígnios. Encantamentos que são fruto do movimento de imaginar e criar, na vida e na educação infantil. (OSTETTO, 2000, p. 11).

A autora destaca a importância de criar um ambiente que valorize o encantamento e a descoberta, estimulando a interação social e a expressão criativa. A creche, nesse contexto, se torna um espaço onde a criança pode se conectar com a magia da fantasia, se perder em histórias e se aventurar na criação artística, desenvolvendo sua capacidade de imaginar, de criar e de se expressar.

A creche, portanto, não deve ser apenas um local de cuidados básicos, mas sim, um ambiente que promova a exploração, a experimentação e a interação social. É preciso que os educadores se inspirem nesse "encantamento" e se dediquem a criar um ambiente que valorize a voz do bebê, estimulando sua curiosidade e sua capacidade de ação.

A creche precisa ser um espaço onde a criança possa:

- **Explorar livremente:** A creche deve oferecer uma variedade de materiais e recursos que possibilitem a exploração livre e autônoma do bebê. Brinquedos, jogos, livros, materiais de arte, objetos de diferentes texturas e instrumentos musicais devem estar ao alcance das mãos do bebê, permitindo que ele explore o mundo ao seu redor de forma independente e segura.
- **Experimentar sem medo:** A creche precisa ser um ambiente que incentive a experimentação, onde o bebê possa testar, errar, descobrir e aprender sem medo de ser julgado ou corrigido. A experimentação é fundamental para o desenvolvimento da criatividade e da autonomia do bebê, pois lhe permite

construir seus próprios conhecimentos e desenvolver sua capacidade de resolver problemas.

- **Expressar-se livremente:** A creche deve ser um ambiente que valorize a voz do bebê, estimulando sua capacidade de se comunicar e de expressar suas ideias e emoções. O educador deve estar atento às diferentes formas de comunicação do bebê, incluindo gestos, expressões faciais e sons, e deve criar um ambiente que permita que o bebê se expresse livremente, sem medo de ser censurado ou reprimido.

- **Interagir com outros bebês:** A creche deve ser um ambiente que promova a interação social entre os bebês, permitindo que eles brinquem, compartilhem, colaborem e construam relações de amizade e respeito. A interação social é fundamental para o desenvolvimento da autonomia, da empatia e da capacidade de lidar com as diferenças.

A creche, nesse contexto, se torna um espaço onde a criança pode se conectar com a magia da fantasia, se perder em histórias e se aventurar na criação artística, desenvolvendo sua capacidade de imaginar, de criar e de se expressar. Essa compreensão implica que o planejamento pedagógico na creche deve ir além de um modelo de estímulo e resposta, considerando a complexidade do desenvolvimento em seus diversos domínios: cognitivo, socioemocional, motor e linguístico. Os educadores devem estar preparados para observar atentamente cada bebê, identificar suas necessidades individuais e criar oportunidades para que expressem sua individualidade e potencialidades.

CAPÍTULO II

DO SILÊNCIO AO PROTAGONISMO: O BEBÊ COMO SUJEITO DE DIREITOS NA CRECHE

Este capítulo propõe uma reflexão sobre os direitos dos bebês no contexto da Educação Infantil, enfatizando a importância da escuta sensível, da autonomia e da participação ativa desde os primeiros anos de vida. Com base em autores contemporâneos que estudam a infância como uma construção social, busca-se desconstruir a visão tradicional do bebê como ser passivo e dependente, reconhecendo sua potência expressiva e criativa. A análise parte do princípio de que o bebê é sujeito de direitos, ator social e produtor de cultura, e que a creche deve ser um espaço que acolha, promova e respeite essa condição. Para tanto, o capítulo se organiza em três eixos:

2.1 O reconhecimento do bebê como sujeito de direitos

2.2 A interação significativa entre bebês e adultos

2.3 A organização da creche como lugar de autonomia e protagonismo.

2.1 – RECONHECENDO O BEBÊ COMO SUJEITO DE DIREITOS

Durante muito tempo, os bebês foram considerados apenas como sujeitos de cuidado e proteção, sendo vistos por um viés biologicista e assistencialista, que os classificava como frágeis, dependentes e ainda “não prontos” para o mundo social. Entretanto, os estudos contemporâneos da infância e os avanços nas práticas da Educação Infantil têm desafiado essa visão, afirmando o bebê como sujeito de direitos, ativo, sensível e protagonista em seu processo de desenvolvimento e aprendizagem.

De acordo com Siqueira: “a infância é, de fato, uma construção social [...] e a criança é, de fato, um sujeito cujas experiências de vida se dão na articulação entre suas especificidades naturais/biológicas e suas condições concretas de existência.” (Siqueira 2011, p. 186)

Essa perspectiva desloca a infância de uma etapa meramente preparatória para a vida adulta e a reconhece como um tempo pleno de significados, vivências e expressão. Enquanto sujeitos históricos e sociais, os bebês devem ser reconhecidos em sua capacidade de agir, comunicar e transformar o ambiente em que vivem. Tal reconhecimento exige uma prática pedagógica que vá além do cuidado básico, incorporando uma escuta atenta às múltiplas formas de linguagem infantil — como o balbúcio, os gestos e as expressões faciais. Entender essas manifestações como legítimas formas de comunicação é fundamental para respeitar o protagonismo dos bebês no cotidiano da creche.

A organização do espaço educativo também assume papel central nesse processo. Ambientes planejados para a autonomia dos bebês, com materiais acessíveis e variados, favorecem a livre exploração, o movimento e a descoberta. Espaços restritivos, centrados nas necessidades dos adultos, inviabilizam a ação criativa e a construção de conhecimentos pela criança. Portanto, o ambiente deve ser concebido como um território de possibilidades, onde os bebês possam experimentar, interagir e construir significados a partir de suas próprias vivências.

Além do espaço físico, a dinâmica da rotina precisa considerar os tempos e ritmos singulares dos bebês. É necessário romper com práticas padronizadas e rígidas que desconsideram a diversidade de modos de ser e de se expressar. Garantir momentos de brincadeira livre, exploração sensorial e relações significativas é reconhecer a infância como um tempo pleno, e não apenas como preparação para etapas futuras. Nesse sentido, respeitar os tempos da criança é uma exigência ética e pedagógica.

Outro aspecto fundamental para a afirmação dos direitos dos bebês é a construção de relações afetivas seguras e respeitadas. O vínculo estabelecido entre adultos e bebês, mediado pela escuta, pelo respeito às iniciativas infantis e pelo acolhimento das emoções, fortalece a confiança e a autoestima das crianças. Dessa forma, a creche se torna um espaço de pertença e reconhecimento, no qual o bebê se sente autorizado a explorar o mundo e a construir sua identidade.

A plena garantia dos direitos dos bebês na creche enfrenta diversos desafios, que se entrelaçam e dificultam a construção de um ambiente educativo que os reconheça como sujeitos ativos e protagonistas de seu desenvolvimento. Um dos principais desafios é a falta de recursos, tanto financeiros quanto humanos, em muitas instituições, o que limita a oferta de espaços adequados, materiais diversificados e profissionais qualificados para atender as necessidades específicas de cada bebê. A desigualdade social, por sua vez, impacta diretamente o acesso à creche e à qualidade da educação oferecida, criando disparidades entre as experiências de crianças de diferentes classes sociais.

A desinformação sobre o desenvolvimento infantil, ainda presente em diversos setores da sociedade, contribui para a manutenção de práticas que desconsideram a capacidade dos bebês de se comunicar, aprender e construir seus próprios significados. A visão tradicional de criança como ser passivo e dependente, ainda presente em alguns profissionais, impede o desenvolvimento de práticas educativas que promovam a autonomia e o protagonismo dos bebês. A persistência de preconceitos relacionados à idade e à capacidade dos bebês limita a compreensão de sua potência e contribui para a

perpetuação de práticas inadequadas, como a infantilização e a subestimação de suas habilidades.

Para superar esses desafios, é fundamental a ação conjunta de diferentes setores da sociedade: investimento público em educação infantil, políticas de inclusão social, formação e capacitação de profissionais, campanhas de conscientização sobre os direitos dos bebês e a importância do desenvolvimento integral nos primeiros anos de vida. É preciso romper com a visão reducionista da infância e construir uma sociedade que reconheça e valorize o bebê como sujeito de direitos, garantindo a ele a possibilidade de construir um futuro mais justo e igualitário.

A compreensão do bebê como sujeito de direitos exige uma mudança ética e política no modo como nos relacionamos com ele. Como afirma Sarmento em sua obra de 2008, a *Sociologia da Infância crítica*: “afirma a criança como sujeito de direitos, reconhecendo sua agência e sua capacidade de ação e influência no mundo ao seu redor”. (Sarmento 2008, p. 19). Ou seja, mesmo antes da linguagem verbal e da autonomia motora completas, o bebê já se posiciona, se expressa e participa ativamente do ambiente em que está inserido. Nas práticas pedagógicas, esse reconhecimento precisa se manifestar concretamente em ações que promovam escuta, respeito e participação. Friedmann destaca que:

os bebês inventam caminhos de expressão, convidam os parceiros à ação compartilhada, ampliam possibilidades de manifestação de afeto e sentidos quando participam de espaços e tempos planejados para os encontros corporais. (Friedmann 2016, p. 50)

Assim, o bebê é um ser que interage, influencia e propõe, sendo essencial que os adultos estejam atentos a esses movimentos como formas legítimas de linguagem. Essa escuta qualificada é também um ato de afirmação de direitos. Para Friedmann (2016): “reconhecer, sublinhar e incentivar essas possibilidades são caminhos importantes na ação dos adultos com eles, afirmando-os como atores sociais, produtores de linguagem.” (p. 50).

Ao compreender o bebê como produtor de linguagem e sentido, a prática pedagógica se desloca de uma atuação que apenas instrui para uma prática que dialoga e constrói junto com a criança. A interação passa a ser vista como espaço de negociação de significados, em que a cultura não é apenas transmitida, mas reelaborada. O adulto, nesse

processo, deixa de ser o centro da ação educativa para se tornar parceiro na produção dos conhecimentos e expressões do bebê.

A ausência dessa escuta qualificada configura uma violação dos direitos da criança pequena, pois nega sua capacidade de comunicação e sua potência de autoria. Ignorar os gestos, expressões e balbucios do bebê é silenciar suas iniciativas e invisibilizar sua participação na vida social. Por isso, práticas que acolhem e incentivam as manifestações infantis são práticas que reconhecem a cidadania do bebê e sua condição de sujeito ativo desde os primeiros anos de vida.

Promover a escuta dos bebês implica também aceitar a imprevisibilidade e a singularidade presentes em suas expressões. A linguagem da primeira infância não se submete a formatos fixos ou resultados pré-estabelecidos; ela é fluida, simbólica e muitas vezes enigmática. Cabe ao adulto sustentar a abertura para o que emerge dessa comunicação inicial, valorizando a diversidade das formas de ser, sentir e pensar que os bebês apresentam em seu cotidiano.

A ação do educador, portanto, deixa de ser apenas a de quem ensina, para se tornar a de quem acompanha, observa e dialoga com os sentidos que o bebê produz com seu corpo, olhar, gestos e expressões. Coutinho reforça essa ideia ao afirmar que: “o bebê é tomado como ator social competente [...] suas ações são sociais porque são mobilizadas pela ação de outro, se revelando de modo complexo e nas minúcias de sua expressividade.” Coutinho (2010, p.9)

Essa visão exige sensibilidade e atenção aos detalhes das manifestações infantis, reconhecendo que mesmo pequenos gestos carregam intenções e desejos que precisam ser acolhidos. Daniela Guimarães, por sua vez, enfatiza que, embora o senso comum ainda veja os bebês sob o viés da fragilidade e da dependência: “consideramos os bebês como sujeitos de ação e relação”. (Guimarães 2016, p. 49)

Esse deslocamento teórico e prático propõe a superação do adultocentrismo e a construção de uma educação infantil que respeite a singularidade e a potência dos pequenos. Assim, a infância, especialmente nos primeiros anos de vida, é marcada pela dependência do outro. No entanto, essa dependência não deve ser lida como ausência de capacidade, mas como campo relacional de construção de sentidos. Como destacam Fernandes, Fochi e Faria (2016, p. 51), “a dependência dos bebês em relação aos adultos, as demandas de cuidado, ou seja, a atenção do outro para com os bebês, não são fragilidades, mas abrem possibilidades de encontro, contato, parceria entre adultos e

crianças.” Nesse encontro, o bebê participa, reage, provoca e cria — elementos centrais para pensarmos o direito à expressão e à escuta.

A concepção tradicional que associa dependência à incapacidade precisa ser superada para dar lugar a uma visão que reconhece a interdependência como característica essencial da condição humana. Nos primeiros anos de vida, essa interdependência se manifesta de maneira intensa e visível, mas longe de representar limitação, constitui-se como oportunidade de trocas afetivas e culturais fundantes para o desenvolvimento da autonomia e da autoria dos bebês.

Ao legitimar a dependência como espaço de interação e criação, a prática pedagógica amplia suas possibilidades de atuação, valorizando as relações de cuidado como experiências educativas. O cuidado, quando permeado pela escuta e pelo respeito à expressão do bebê, transforma-se em território fértil para a construção de vínculos seguros, para a emergência da linguagem e para o fortalecimento da identidade infantil.

Nesse processo, é fundamental que o adulto reconheça sua posição como mediador sensível e atento, capaz de ler as demandas do bebê não como necessidades a serem simplesmente supridas, mas como convites ao encontro, à partilha e à coautoria da experiência. A interação cotidiana baseada na confiança, no respeito e na reciprocidade é o que permite ao bebê afirmar-se como sujeito de direitos, agente e produtor de cultura desde os primeiros anos de vida.

Portanto, reconhecer o bebê como sujeito de direitos é assumir o compromisso de garantir a ele não apenas acesso à educação e ao cuidado, mas sobretudo presença, escuta, tempo, voz e participação. Significa transformar a creche em um espaço de dignidade e protagonismo, onde o bebê seja compreendido como alguém que tem o direito de sentir, criar, comunicar e existir de forma plena desde o início da vida.

2.2 – INTERAÇÃO SIGNIFICATIVA: BEBÊS E ADULTOS.

A interação entre bebês e adultos não é apenas uma dimensão afetiva ou protetiva, mas constitui o alicerce do processo de desenvolvimento integral dos pequenos. Desde o nascimento, os bebês buscam o outro para atribuir sentido ao mundo e é nessa relação que se constroem os primeiros vínculos, a linguagem e as expressões de autoria. A pedagogia do cuidado e da escuta ativa valoriza essa relação como uma via de mão dupla, onde o adulto também aprende e se transforma.

De acordo com Adriana Friedmann (2016, p. 49), “se há diálogo, se o adulto conversa com o bebê nos momentos de cuidados corporais, olha nos olhos, tocando-o afetuosamente, desenvolvem-se a parceria e a autoconfiança, o que permite ao bebê dar-se conta de si mesmo”. A interação mediada pelo olhar, toque e presença é fundante para que o bebê desenvolva segurança emocional, elemento essencial para a expressão criativa e o protagonismo. A interação entre bebês e adultos se manifesta de formas diversas, promovendo o desenvolvimento integral dos pequenos e a construção de vínculos afetivos e de confiança. A interação física, mediada pelo toque, abraço e colo, é fundamental para o bebê sentir segurança e amor, fortalecendo seu desenvolvimento emocional e físico.

A interação verbal, por meio de conversas, canções e leitura de histórias, estimula a linguagem, a imaginação e o desenvolvimento da cognição. "Com as ações compartilhadas, os bebês ingressam na cultura e desenvolvem processos de comunicação" (Friedmann, 2016, p. 50), o que evidencia a importância do adulto como mediador cultural. A interação verbal também proporciona ao bebê a oportunidade de se expressar, de ser ouvido e de ter suas ideias e sentimentos respeitados. A interação simbólica, presente no brincar de faz de conta e nos jogos de imitação, permite que o bebê explore o mundo de forma criativa, desenvolvendo a imaginação, a criatividade e a capacidade de resolver problemas. "Os bebês inventam caminhos de expressão, convidam os parceiros à ação compartilhada, ampliam possibilidades de manifestação de afeto e sentidos quando participam de espaços e tempos planejados para os encontros corporais" (Friedmann, 2016, p. 50).

A qualidade da interação entre bebês e adultos influencia diretamente o desenvolvimento integral do bebê. A presença sensível e atenta do adulto, que acolhe as expressões do bebê, responde a suas necessidades e estimula sua participação, é fundamental para que ele se sinta seguro, confiante e motivado a explorar o mundo. "Reconhecer, sublinhar e incentivar essas possibilidades são caminhos importantes na ação dos adultos com eles, afirmando-os como atores sociais, produtores de linguagem" (Friedmann, 2016, p. 50).

A psicologia histórico-cultural também oferece contribuições importantes ao destacar que o bebê se constitui na relação com o outro. Os estudos de Vygotsky e Wallon revelam que “com as ações compartilhadas, os bebês ingressam na cultura e desenvolvem processos de comunicação. Nesse processo, os adultos também são transformados” (2016). Portanto, não se trata apenas do desenvolvimento do bebê, mas de uma transformação mútua e contínua que se dá na e pela relação.

O papel do adulto, nesse contexto, não é apenas o de observador ou executor de rotinas, mas o de interlocutor e mediador da relação do bebê com o mundo. Ao perceber o que se torna significativo para a criança, ele pode “favorecer descobertas e ampliações, organizando o ambiente” e promovendo contextos de investigação e encantamento. Isso exige sensibilidade para captar os pequenos gestos, olhares e movimentos como expressões legítimas de comunicação.

Além disso, a literatura aponta que o adulto precisa aprender a diferenciar não intervenção de abandono. Falk (2004) argumenta que “a criança que consegue algo por sua própria iniciativa e por seus próprios meios adquire uma classe de conhecimentos superior àquela que recebe a solução pronta”, mas ressalta que isso não elimina a necessidade da presença sensível e atenta do educador.

Essa presença sensível está diretamente relacionada à qualidade da experiência do bebê na creche. Quando o adulto valida suas expressões e propõe contextos que respeitam sua singularidade, contribui para a construção de um espaço de pertencimento. É na relação que o bebê se reconhece como sujeito ativo, e é nesse reconhecimento que floresce sua capacidade de agir no mundo.

O reconhecimento da criança como ser potente exige que o adulto esteja atento não apenas às expressões mais evidentes, mas também às sutilezas do comportamento infantil. Pequenos gestos, variações no olhar e movimentos corporais constituem formas legítimas de comunicação e devem ser interpretados com sensibilidade. A escuta ativa ultrapassa a simples observação: implica a construção de uma relação onde o bebê sente-se compreendido e respeitado.

Nesse sentido, as práticas educativas precisam assumir uma dimensão ética, onde a interação cotidiana não se configure apenas como resposta a necessidades biológicas, mas como espaço de construção de significados. Cada troca afetiva, cada momento de diálogo, é uma oportunidade de fortalecer o senso de pertencimento do bebê e de consolidar sua imagem como sujeito social e culturalmente ativo.

Ainda, é fundamental reconhecer que a interação significativa se dá em tempos e ritmos próprios da criança. A aceleração da rotina ou a imposição de atividades planejadas exclusivamente sob a lógica do adulto podem comprometer o processo de escuta e de construção conjunta de sentidos. Valorizar o tempo do bebê é reconhecer seu direito de viver plenamente suas descobertas, experiências e criações, sem pressões ou antecipações forçadas.

Além do tempo, o espaço também precisa ser pensado como elemento de comunicação e interação. Ambientes acolhedores, organizados para permitir o livre movimento, a exploração e o encontro entre bebês e adultos favorecem interações mais ricas e respeitadas. Espaços restritivos, que limitam a ação da criança, acabam por restringir também suas possibilidades de expressão e aprendizagem. É nesse cenário que a figura do adulto ganha especial relevância: um mediador que, ao invés de conduzir rigidamente as interações, oferece suporte, propõe possibilidades, mas também se deixa afetar e surpreender pelas iniciativas dos bebês. Esse adulto consciente de seu papel educativo reconhece que a verdadeira aprendizagem acontece na relação viva, aberta e dialógica entre sujeitos que se constroem mutuamente.

A interação significativa entre bebês e adultos, portanto, vai além da transmissão de conteúdos ou da execução de rotinas; ela é constitutiva de sujeitos. É por meio do vínculo, da escuta e do respeito que se possibilita a emergência do protagonismo infantil e a construção de uma Educação Infantil que, de fato, reconheça a criança em sua inteireza.

2.3 – A CRECHE COMO LUGAR DE AUTONOMIA

A autonomia do bebê não é uma habilidade que emerge espontaneamente, mas uma construção social e relacional que se dá a partir das oportunidades e condições oferecidas no cotidiano da creche. Isso implica dizer que a autonomia depende da escuta, da organização do espaço, do respeito aos tempos e, sobretudo, da confiança mútua entre adultos e crianças.

Segundo, Adriana Friedmann (2016, p. 51) “autonomia não significa separação em relação ao adulto, mas a capacidade das crianças de se sentirem seguras em suas relações com o outro”. Tal compreensão rompe com a ideia de que a liberdade da criança é incompatível com a presença do adulto. Pelo contrário, é o olhar acolhedor e atento do educador que garante a segurança necessária para que o bebê explore o ambiente com liberdade.

As autoras italianas Ana Bondioli e Susanna Mantovani (1998) complementam ao afirmar que “permitir que as crianças tomem iniciativas autônomas e que procurem o adulto quando tenham necessidade, favorece um comportamento mais maduro, mais estável”. Ou seja, ambientes que oferecem possibilidades reais de escolha e ação promovem autonomia e confiança nas relações sociais.

A autonomia na primeira infância não deve ser compreendida como ausência de apoio, mas como resultado de relações seguras que permitem ao bebê ousar, explorar e arriscar-se no mundo. Nesse processo, a presença do adulto é fundamental não para dirigir os movimentos da criança, mas para sustentar suas iniciativas, respeitando suas escolhas e incentivando a construção da autoconfiança. A segurança emocional que emerge dessas relações favorece o exercício da autonomia como prática cotidiana e não como habilidade isolada.

O espaço educativo, nesse contexto, desempenha papel crucial. Um ambiente que favorece a autonomia precisa ser pensado a partir da perspectiva da criança: acessível, estimulante, organizado de forma que permita a livre circulação e a manipulação dos objetos. Espaços excessivamente controlados ou limitadores de ação reforçam a dependência e a passividade, enquanto ambientes abertos à exploração oferecem oportunidades para que o bebê desenvolva iniciativa, criatividade e capacidade de decisão.

Da mesma forma, a rotina deve ser flexível o suficiente para respeitar os interesses e o tempo das crianças. A rigidez nas propostas e a imposição de ritmos uniformes para todos os bebês desconsideram a singularidade dos processos de aprendizagem e podem restringir o desenvolvimento da autonomia. Ao possibilitar escolhas no cotidiano — seja no brincar, na alimentação ou nas interações — a creche assume o compromisso de reconhecer o bebê como sujeito de direitos, capaz de participar ativamente da construção de suas experiências.

A autonomia, portanto, não é um estado a ser alcançado futuramente, mas um direito que se exerce no presente, desde os primeiros meses de vida. Reconhecê-la é assumir uma prática educativa que aposta na potência dos bebês, respeita suas expressões e acredita em sua capacidade de interagir, transformar e significar o mundo a sua volta.

Na perspectiva de Judit Falk (2004), o ambiente que permite iniciativas autônomas deve evitar tanto o excesso de controle quanto o abandono. A liberdade precisa estar acompanhada de apoio: “os olhares, as falas e a ajuda das professoras, quando necessários, devem estar sempre presentes, promovendo uma sensação de segurança”

A estrutura física da creche, nesse sentido, desempenha papel fundamental. Quando a mobília está organizada em função do adulto, o bebê encontra obstáculos para agir e explorar. Já quando o espaço é acessível, rico em materiais e esteticamente acolhedor, ele convida a criança à ação, à criação e ao pertencimento. Como destaca Ostetto (2000, p. 43), “a decoração, os brinquedos, os utensílios e os materiais didáticos

ficavam todos fora do alcance das crianças”, revelando um modelo que restringe a autonomia em vez de estimulá-la.

Além disso, o planejamento das experiências precisa considerar a voz do bebê. Fernandes, Fochi e Faria (2016, p. 51) propõem que “o planejamento deve considerar tempos e espaços que possibilitem a ação do bebê sobre o mundo”, assegurando que cada criança tenha oportunidades de se expressar e construir conhecimento a partir de sua própria vivência.”

A creche, enquanto espaço educativo, desempenha um papel fundamental na promoção da autonomia do bebê, ao proporcionar um ambiente em que ele é reconhecido como sujeito ativo de seu processo de aprendizagem. O “silêncio” aqui não se refere à ausência de som, mas à condição de ser ignorado ou subestimado nas suas capacidades de expressão e participação. Em muitos contextos, o bebê é visto apenas como um receptor passivo de estímulos, sem a devida valorização de suas múltiplas formas de comunicação e participação. O protagonismo, por sua vez, implica em um movimento de reconhecimento e valorização da criança como agente de sua aprendizagem, alguém que, mesmo sem a fala convencional, se expressa por meio de gestos, sons, movimentos e interações com o mundo ao seu redor. Assim, o papel da creche é justamente criar um espaço que acolha e amplifique essas manifestações, permitindo que os bebês se tornem protagonistas de suas próprias experiências. A escuta atenta a essas expressões e o planejamento flexível e aberto a novas possibilidades são essenciais para garantir que a criança não apenas se desenvolva, mas se perceba como parte ativa e criadora de seu processo de aprendizagem e transformação do ambiente.

Autonomia, portanto, não se limita ao brincar, mas se manifesta em diferentes contextos do seu dia a dia. "Permitir que as crianças tomem iniciativas autônomas e que procurem o adulto quando tenham necessidade, favorece um comportamento mais maduro, mais estável" (Bondioli & Mantovani, 1998, p. 14). Na alimentação, o bebê pode ter a oportunidade de escolher entre diferentes alimentos, de experimentar novas texturas e sabores e de participar ativamente do processo de refeição. Na higiene, ele pode aprender a se cuidar, como escovar os dentes, lavar as mãos e trocar de roupa, com o apoio e a orientação do adulto.

Nas atividades, a autonomia se manifesta na possibilidade de escolher entre diferentes jogos, brincadeiras e materiais, de acordo com seus interesses e preferências. O adulto, nesse processo, desempenha um papel fundamental de mediador e facilitador, oferecendo suporte e orientação, sem interferir na capacidade do bebê de tomar decisões

e agir de forma independente. "A criança que consegue algo por sua própria iniciativa e por seus próprios meios adquire uma classe de conhecimentos superior àquela que recebe a solução pronta" (Falk, 2004, p. 19).

A autonomia, portanto, é uma construção social que se desenvolve a partir das oportunidades e condições oferecidas no cotidiano da creche. Um ambiente que valoriza a autonomia do bebê oferece a ele a possibilidade de explorar o mundo, de experimentar, de errar e de aprender, contribuindo para o desenvolvimento de sua autoconfiança, de sua capacidade de tomar decisões e de sua capacidade de lidar com as diferenças. É mais do que um objetivo pedagógico: é um direito. E promovê-la exige romper com práticas engessadas, investir na escuta ativa, repensar os tempos e os espaços e, principalmente, confiar nas potências dos bebês.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desta monografia permitiu aprofundar a compreensão sobre o potencial criativo e a aprendizagem dos bebês na creche, consolidando a ideia de que eles são sujeitos ativos, capazes de protagonizar seu próprio desenvolvimento. A pesquisa reforçou a importância de desconstruir visões adultocêntricas que subestimam as capacidades infantis, destacando, em vez disso, a necessidade de ambientes que promovam interações significativas, brincadeiras livres e escuta sensível.

Os resultados evidenciam que a creche, quando organizada com base nos princípios da autonomia e do respeito às individualidades, transforma-se em um espaço onde os bebês podem explorar, criar e expressar-se plenamente. A atuação dos profissionais é fundamental nesse processo, exigindo formação continuada e práticas pedagógicas alinhadas às teorias contemporâneas da infância.

Em conclusão, a jornada de desvendar o potencial criativo dos bebês e compreender como a creche pode se transformar em um espaço que acolhe, respeita e promove a autonomia desses pequenos sujeitos de direitos, me impulsionou a construir uma prática pedagógica mais consciente, respeitosa e engajada. Portanto, a busca por práticas que possibilitem a transição do silêncio ao protagonismo na primeira infância, me impulsiona a construir uma prática pedagógica mais consciente, respeitosa e engajada, na qual será pautada pelo respeito à autonomia do bebê e pelo reconhecimento de seu ritmo individual de desenvolvimento. Além disso me ensinou a enxergar o bebê como um sujeito ativo, capaz de aprender, se comunicar e construir seu próprio conhecimento. Afinal, o problema central deste estudo, "como a creche pode promover um ambiente propício para a aprendizagem no desenvolvimento do potencial criativo e o estímulo na primeira infância, garantindo a transição do silêncio ao protagonismo?", me impulsiona a buscar respostas e soluções para a prática.

Compreendi que a interação entre bebês e adultos é fundamental para o desenvolvimento da autonomia e da criatividade. Assumo o compromisso de criar um ambiente de escuta, respeito e incentivo, onde o bebê se sinta seguro para explorar, experimentar e se expressar. O brincar, antes visto como mera diversão, se revelou como um espaço privilegiado de aprendizagem, criatividade e construção social. Minha missão será criar um ambiente rico em possibilidades de brincar, oferecendo materiais e atividades que estimulem a autonomia e a imaginação dos bebês.

A creche, agora, se apresenta como um espaço de autonomia, onde o bebê pode tomar decisões, explorar, experimentar e se tornar protagonista de sua própria aprendizagem. Minha responsabilidade será criar um ambiente físico e pedagógico que promova essa autonomia, permitindo que o bebê se desenvolva de forma plena e autônoma. A observação atenta dos bebês, identificando seus interesses, necessidades e formas de aprender, será fundamental para planejar atividades e intervenções que promovam o desenvolvimento integral. A creche precisa ser um espaço de aprendizagem para todos os bebês, independentemente de suas diferenças e necessidades especiais. Assumo o compromisso de criar um ambiente inclusivo e acessível a todos.

A pesquisa e a reflexão serão minhas companheiras constantes. Manter-me atualizada sobre as pesquisas e as teorias sobre o desenvolvimento infantil, refletindo sobre a própria prática e buscando novas formas de promover o aprendizado e o desenvolvimento dos bebês, será fundamental para meu crescimento profissional.

A experiência de realizar este TCC me deu a base sólida para construir uma prática pedagógica centrada no bebê, respeitosa com sua individualidade e comprometida com seu desenvolvimento integral. O desejo de contribuir para que todos os bebês tenham acesso a uma educação de qualidade, que promova a autonomia, a criatividade e o protagonismo, me impulsiona a seguir em frente nesta jornada de aprendizado e transformação.

Este trabalho não se encerra aqui, mas abre caminhos para reflexões futuras sobre como aprimorar as políticas públicas e as práticas educativas voltadas à primeira infância. Que esta pesquisa inspire educadores a olharem para os bebês com a reverência que merecem – não como seres em formação, mas como indivíduos plenos, cheios de possibilidades e dignos de protagonismo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Brasília, 1996.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, 2009.

BELLO, K.; MACHADO, A. C. **Linguagem, comunicação e interação na educação infantil**. Curitiba: Appris, 2015.

BONDIOLI, A.; MANTOVANI, S. **A criança e a autonomia: tradução do italiano e introdução de Maria Teresa Mantovani**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1998.

BROUGÈRE, G. **O jogo e a criança: a construção da pessoa**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

COUTINHO, Â. M. S. **A ação social dos bebês: um estudo etnográfico no contexto da creche**. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

FALK, J. **Autonomia na primeira infância: um olhar para a criança como sujeito ativo**. Campinas: Autores Associados, 2004.

FERNANDES, M. F. S.; FOCHI, M. M.; FARIA, A. L. **O bebê em movimento: corpo, linguagem e cultura na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2016.

FERREIRA, A. A. **A aprendizagem da leitura e da escrita na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2004a.

FRIEDMANN, A. **Educação Infantil: dos bebês aos seis anos**. São Paulo: Cortez, 2016.

GOBATTO, C. L.; GUIMARÃES, D. **O brincar e a literatura na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2014.

GUIMARÃES, D. Bebês, interações e linguagem. In: LÓPEZ, M. E. **Bebês como leitores e autores: o papel do educador na construção da leitura e da escrita**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LÓPEZ, M. E. Os bebês, as professoras e a literatura: um triângulo amoroso. In: LÓPEZ, M. E. **Bebês como leitores e autores: o papel do educador na construção da leitura e da escrita**. Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

LUCAS ADURENS, A. **A linguagem e o desenvolvimento dos bebês**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

MUSSEN, P. H. **Psicologia da criança**. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1968.

OSTETTO, L. E. **Encontros e encantamentos na educação infantil**. Petrópolis: Vozes, 2000.

SARMENTO, M. J. **Infância e história: a constituição social da criança**. São Paulo: Cortez, 2008.

SIQUEIRA, Romilson Martins. **Educação da infância: arena e campo de luta por direitos**. Porto Alegre: Mediação, 2020.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WALLON, H. **As origens do caráter da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.